

O Museu Nacional de Belas Artes

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

ANTES de iniciar esta reportagem consideramos bem a tarefa a executar e, naturalmente, a comparamos com outras anteriores, de que demos conta nesta Revista, realizando-as de acordo com os recursos e facilidades que então nos foram proporcionados.

Não sabemos se agradaram. Fizemos o que estava a nosso alcance e, nas passagens mais difíceis, ao ter de revelar nossas deficiências, a indigência de conhecimentos especializados, recorremos à entrevista, deixando que os técnicos falassem... E, assim, transpusemos profundos e escuros preceípios.

De uma feita, no Instituto Osvaldo Cruz, se não fosse a boa vontade do saudoso Professor Arthur Neiva, teríamos deixado em meio a reportagem que ali fazíamos, coñendo apontamentos em laboratórios de complicada apparelhagem e trabalhada por silenciosos e circunspectos cientistas, indiferentes a qualquer publicidade. E a reportagem saiu e, por sinal, bem extensa. Tomaticos coragem. E, desde então, passamos a considerar fáceis as reportagens sobre os assuntos mais difíceis... Nossa desenvoltura na prática desse jornalismo cheio de imprevistos, embaraços e surpresas cresceu de tal forma que chegamos a escrever sobre... a Casa de Rui Barbosa. É verdade que ali também contamos com boa ajuda, a do Diretor Américo Jacobina e do Professor Homero Pires, que já dirigiu a Casa de Rui e onde ainda hoje mantém, na Sala Dreyfus, seu cantinho de trabalho, todo de amor e reverência à memória do grande Mestre, de cuja obra sempre foi, com justiça, considerado o maior intérprete.

No Museu Histórico Nacional — grande livro aberto da história política e social do país — o Diretor Gustavo Barroso deu a mãozinha ao velho repórter e o foi conduzindo pelas numerosas salas da Casa do Brasil, indicando-lhe o que era mais precioso e raro, conveniente, portanto, a uma reportagem. E, quando cansou, deixou-nos entregues ao Professor Menezes de Oliva, que também nos

orientou com muita segurança e inteligência na revista às preciosidades do Museu.

* * *

Agora, vamos percorrer uma outra grande casa, onde, em vez de preciosidades históricas, temos que apreciar quadros e esculturas, depois mencionar, a correr, alguns deles, e reproduzir aqui as fotografias que conseguimos dos mesmos.

Não será demais que acentuemos que apenas desejamos fazer reportagem... E, quanto a sentí-los e bem compreendê-los — os quadros e as obras de escultura — temos sempre em muita conta a advertência de Apeles...

Como era natural, procuramos primeiro o Diretor do Museu, Professor Osvaldo Teixeira, que, inteirado do nosso propósito, achou conveniente oferecer-nos algumas publicações da casa, acrescentando que, depois, poderia conversar conosco.

E dentro em pouco, a nobre secretária do Palácio das Artes, senhorita Regina Real, que conhecíamos através de suas críticas e comentários a coisas e assuntos de artes plásticas, oferecia-nos com o melhor dos sorrisos o *Anuário* e o *Guia do Museu*, adiantando-nos que estaria às ordens para ulteriores informações. E ali naquela sala começamos a fazer nossas primeiras observações.

— Pelo que notamos, há muito expediente a despachar nesta secção...

— Muito! Aqui é Secretaria e também Secção Técnica. Como vê, o recinto não é muito propício a trabalhos burocráticos e muito menos aos de natureza técnica, que exigem sossêgo e tranquilidade...

— Realmente. Assim deve ser. E, com franqueza, parece-nos que nesta sala falta tudo isso e mais esta coisa: espaço, muito espaço.

Por natural associação de idéias, lembremos das instalações do Museu Histórico Nacional.



A Secretaria do Museu, vendo-se no primeiro plano a secretária, senhorita Regina M. Real.

Que beleza a sua Secretaria! E o gabinete de trabalho do Sr. Gustavo Barroso? Um primor de conforto, sobriedade e elegância!

Deixamos a Secretaria do Museu de Belas Artes mais confiantes na possibilidade de fazer mesmo esta reportagem. Acolhimento atencioso e solicitude em bem servir ao colaborador da *Revista do Serviço Público*.

Já tínhamos em mão o roteiro do tesouro precioso, onde se guardam as finas jóias de nossos pintores e escultores e algumas preciosidades também de artistas estrangeiros, e só nos restava ler e anotar o que nos parecesse adequado a oferecer depois aos leitores da *Revista do Serviço Público*.

Não poderá sair, bem o sabemos, trabalho escorreito e equilibrado, de tal processo de elaboração... Cabe-nos, portanto, dizer muito pouco

do que observamos e sentimos, em nossa visita às galerias, e aproveitar muito, muitíssimo, da leitura das publicações oficiais do Museu e também dessa outra fonte, não menos valiosa, o *Boletim de Belas Artes*, do qual possuímos os dez números até agora editados, desde janeiro de 1945, quando apareceu essa atraente e útil publicação. Deve-se à Sociedade Brasileira de Belas Artes a iniciativa e responsabilidade do *Boletim*, onde se encontram crítica honesta e competente e oportuno registro de nossas realizações no mundo das artes plásticas.

Deixamos para o fim dêste programa de trabalho esta outra informação, que prestamos com muito agrado aos nossos leitores: quando nossa reportagem estava em meio de execução, encontramos no Museu o pintor Henrique Sávio, o grande animador da Sociedade Brasileira de Belas Artes, de que é presidente, e conseguimos que êle também, como fêz Gustavo Barroso, nos desse a mãozinha e nos mostrasse algumas preciosidades do

Museu, que, conforme já sabíamos, mantém relações muito amistosas com a referida sociedade. Pena é que o Acaso não nos tivesse sido mais generoso, proporcionando-nos outros encontros, ali no Museu, com o conhecido pintor e crítico de arte. Também não nos animamos a provocar-lhe êsses encontros casuais... Seria pedir muito, com franqueza... E Henrique Sálvio, que não pôde deter-se por muito tempo com o velho repórter, só lhe fêz companhia na visita à Galeria Irmãos Bernardelli. Voltamos dias depois ao Museu, cujas dependências percorremos, orientados pela secretária, senhorita Regina M. Real, que nos encantou pela vivacidade, solicitude e interesse, revelados na demonstração das preciosidades da casa.

*
* *
*

Agora, dispomos de bom material e é só aproveitá-lo devidamente.

Comecemos pelo

HISTÓRICO DO MUSEU

O Museu Nacional de Belas Artes foi criado pela lei 378, de 13 de janeiro de 1937, e sua inauguração oficial se verificou no dia 19 de agosto de 1938, com a presença do Presidente Getúlio Vargas.

No Anuário do Museu assim nos é contada a sua história:

"A coleção de quadros que constitui sua exposição permanente teve origem na primitiva Academia Imperial de Belas Artes, fundada por D. João VI em 1816 e inaugurada dez anos depois, para seu ensino especializado, sob a direção da Missão Lebreton. Este, aceitando o convite de Marialva, em Paris, lembrou-se de trazer uma pequena coleção para o início de uma Pinacoteca no Brasil. E é Henrique José da Silva que vai ser nomeado, em 1820, seu primeiro diretor.

A desinteligência que teve com os artistas franceses, aos poucos agravada, encontrou, felizmente, solução satisfatória na intervenção do Imperador D. Pedro I. Assim, foi conseguido um desenvolvimento artístico mais expressivo e um maior interesse pelo ensino das belas artes. Mais eficiente ainda se tornou quando, em 1834, com a morte



Galeria Bernardelli. Vê-se no primeiro plano a "Faceira" e, ao fundo, "O Cristo e a adúltera".

de Henrique José da Silva, assumiu a direção Felix Emile Taunay; que recebeu valiosa colaboração por parte de Pôrto Alegre. Restauradas as telas que vieram da França, as dívidas imperiais e particulares, acrescidas, progressivamente, com os envios dos próprios alunos da instituição, vieram a formar um pequeno conjunto digno de nota.

Funcionou a Academia no antigo prédio do Tesouro Nacional, projeto de Grandjean de Montigny, até 1908, data em que se transferiu para o atual edifício, projeto de MORALES DE LOS RIOS, já com o nome de Escola Nacional de Belas Artes, que lhe foi dado à proclamação da República.

Com a reforma do Ministério da Educação e Saúde e por iniciativa do Ministro Dr. Gustavo Capanema, separou-se da Escola a Pinacoteca, assim como os objetos de arte em geral, para a formação do Museu Nacional de Belas Artes, sendo nomeado seu primeiro diretor em comissão, por decreto de 12 de maio de 1937, o Prof. Osvaldo Teixeira, que ainda exerce esse cargo.

AS OBRAS DE ARTE DO MUSEU

Falamos anteriormente que iríamos ver no Museu quadros e esculturas. A rigor, as suas obras de arte acham-se divididas por estas três secções:

- a) Quadros, desenhos, gravuras e medalhas;
- b) Esculturas;
- c) Objetos de arte, em geral, tais como móveis, moedas, medalhas, pratarias, porcelanas, cerâmica etc.

O INTERESSE DO PÚBLICO PELAS OBRAS EXPOSTAS

Nos seus oito anos de existência as estatísticas revelam que vem crescendo, de forma expressiva, a visita do público às galerias do Museu, também freqüentadas de vez em quando por grupos de estudantes, sobretudo de cursos secundários.

Há tempos, a direção do Museu teve esta iniciativa: reproduzir em cartões postais as fotografias de quadros expostos em suas galerias. Foi tal a aceitação que tiveram êsses cartões postais, que a edição se esgotou rapidamente.

Agora, é preciso que o Museu mande imprimir mais...

Além de cartões postais, foi também solicitada ao Diretor dos Correios e Telégrafos a reprodução, em selos, de várias obras do Museu, para sua maior divulgação, destacando-se dentre elas as seguintes: "O Derrubador Brasileiro" e "Descanço do modelo", de Almeida Júnior; "Irace-

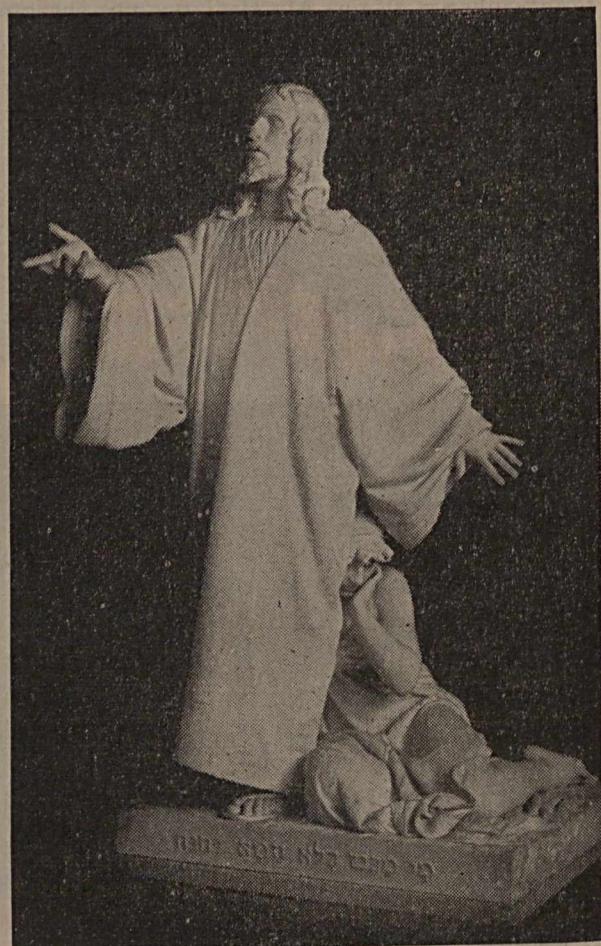
ma", de J. Medeiros; "Último Tamoio", de Rodolfo Amoedo.

Na Espanha, "La Maja", de Goya, figura em vários selos.

Ao que apuramos, os selos nacionais não chegaram a ser editados.

INTERCÂMBIO ARTÍSTICO

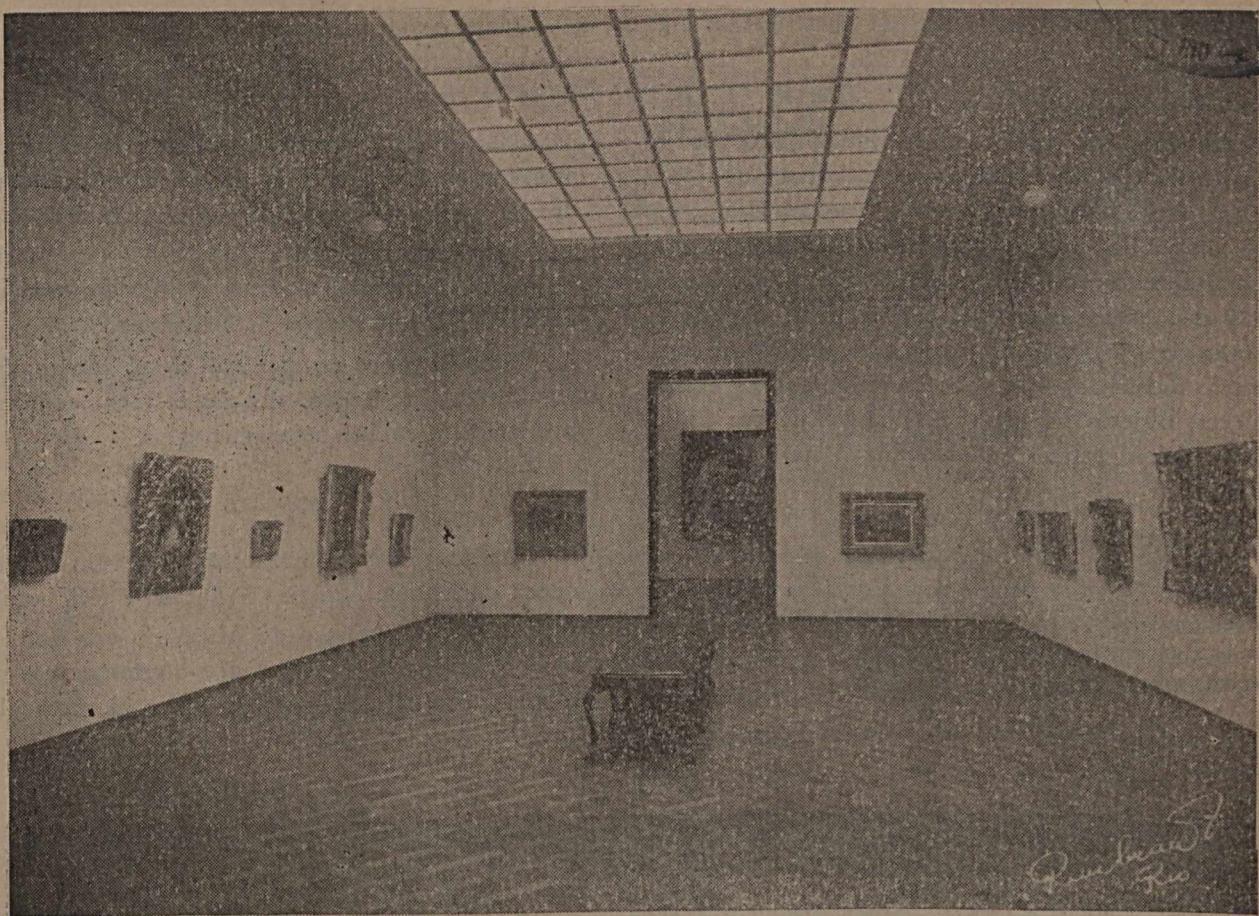
O Museu mantém constante intercâmbio com museus estrangeiros, enviando-lhes e dêles rece-



"O Cristo e a adúltera", de Bernardelli.

bendo publicações de informações sobre assuntos de artes plásticas.

E, quanto a esse intercâmbio no país, dia a dia vai êle aumentando, embora muitos de nossos artistas se queixem de que não há quase interesse por suas atividades... Não é tanto assim. Conhecíamos de perto as atividades da Sociedade Brasileira de Belas Artes, aqui nesta Capital através de suas constantes exposições e trabalhos



Coleção Barões de S. Joaquim (galerias internas).

de defesa do patrimônio artístico da cidade, e agora verificamos que, fora do Rio, há agremiações congêneres e em número já bem apreciável, tôdas trabalhando no mesmo sentido do Museu Nacional de Belas Artes: a elevação do nosso nível cultural no que diz respeito às artes plásticas.

Não nos custa mencionar os nomes dessas agremiações:

Associação dos Artistas Brasileiros (exposições, conferências, horas musicais, teatro educativo) — Sede: Palace Hotel, Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de História da Arte (cursos e conferências; excursões a monumentos históricos) — Sede: Avenida Rio Branco, 188, Rio de Janeiro.

Instituto de Arquitetos do Brasil (exposições, conferências) — Sede: Praça Floriano, 7, Rio de Janeiro.

Associação Cristã de Moços (cursos, conferências, exposições) — Sede: Rua Araújo Pôrto Alegre, 36, Rio de Janeiro.

Associação Fluminense de Belas Artes (exposições) — Sede: Em Niterói, Estado do Rio.

Clube Nilopolitano (exposições, cursos e excursões) — Sede: Em Nilópolis, Estado do Rio.

Sociedade Cearense de Artes Plásticas (exposições, conferências) — Sede: Em Fortaleza, Ceará.

Sociedade Mineira de Belas Artes (exposições, conferências) — Sede: Em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Sociedade Antônio Parreiras (exposições, cursos) — Sede: Av. Rio Branco, 2.173, Juiz de Fora, Minas Gerais.

Associação Paulista de Belas Artes (exposições, cursos, conferências) — Sede: Rua Quintino Bocaiúva n.º 176, São Paulo.

Instituto de Belas Artes do Rio Grande (cursos, exposições, conferências, músicas) — Sede: Rua Senhor dos Passos n.º 248, Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul.

O PATRIMÔNIO DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

Três anos depois de fundado o Museu Nacional de Belas Artes, seu patrimônio artístico já era bem vultoso. Agrada-nos informar que seu valor excedia 34 milhões de cruzeiros! Havia, só de obras de pintura, gravura e desenho, 1.574 exemplares, sendo 1.396 de autores autenticados, 139 de autores ignorados e 39 cópias. Quanto a obras de escultura, o número de exemplares era muito menor: apenas 435. Mobiliários: 78 exemplares; objetos de arte: 193; medalhistica: 289. Esse acervo estava assim avaliado na moeda da época:

Pintura, gravura e desenho	28.303:899\$0
Escultura	6.004:550\$0
Mobiliário	153:000\$0
Objetos de arte	179:855\$0
Medalhistica	172:150\$0
 Total	 34.813:454\$0

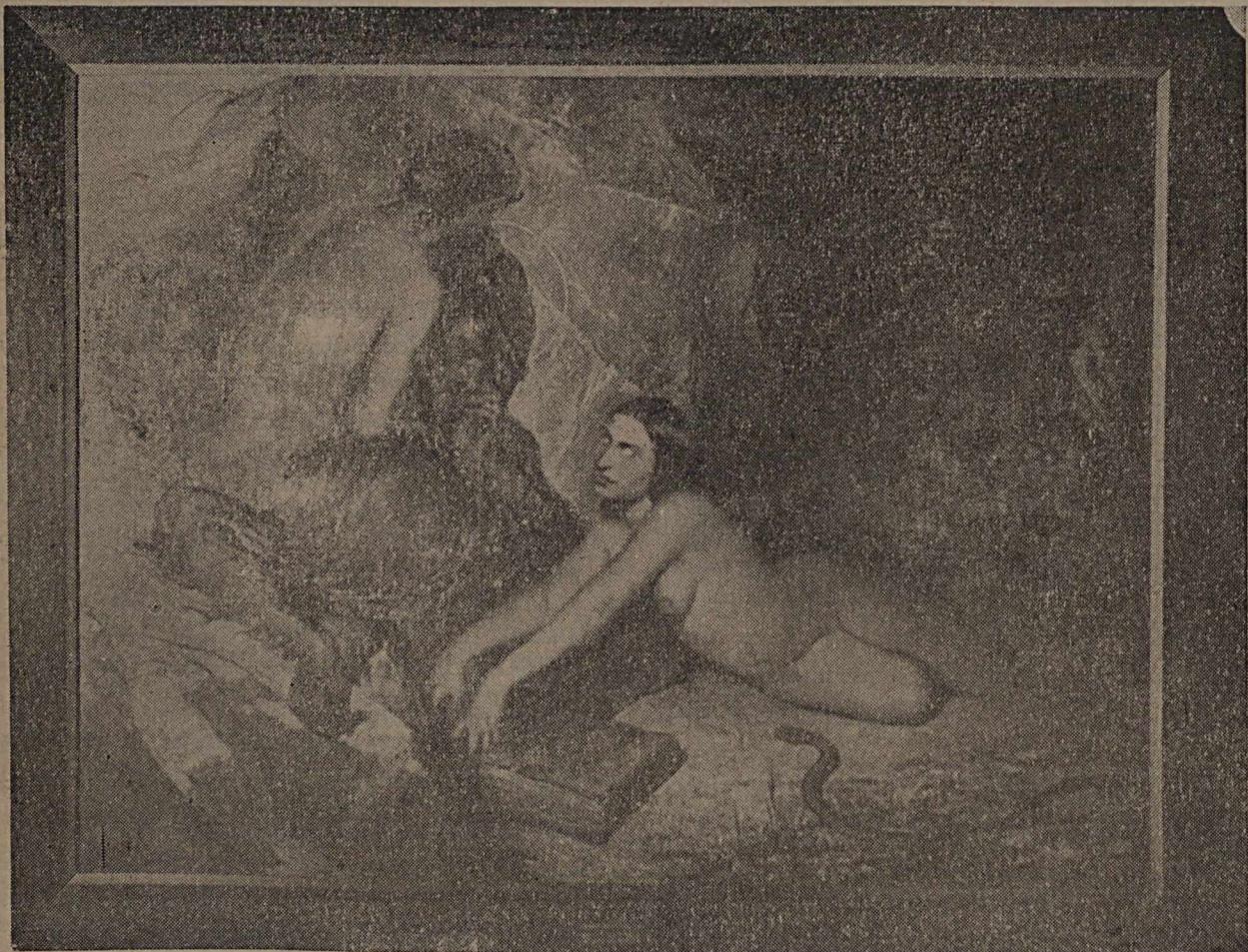
Hoje, o patrimônio do Museu, segundo apuramos na Secretaria, é calculado em mais de 36 milhões de cruzeiros.

Não é fácil agora fazer preço de obras de arte, com o comércio todo de especulação de quadros e esculturas, conforme temos observado e no qual nem sempre o que é bom tem aceitação merecida... E as causas desse desajustamento são várias e não vale a pena mencioná-las...

Mas tratemos do que está lá no Museu, conseguido por aquisição, doação e troca, conforme está previsto em seu regulamento.

DOAÇÕES

As doações são muito antigas e vêm desde a época da Missão Artística Francesa e têm aumentado depois da criação do Museu, o que bem revela o aprêço e confiança dos ofertantes em sua direção, confiança e também amor às artes plásticas.



"Tentação", prêmio de viagem, de Manoel Constantino.

Gostaríamos de reproduzir aqui os nomes de todos êsses doadores, mas a relação é bem longa...

Das obras ofertadas depois da criação do Museu, desejamos destacar estas:

Diógenes, escultura de E. BOISSEAU, oferta Sr. Carlos Guinle.

Jarra Beethoven, à qual assim se refere o Boletim do Museu:

"Rafael Bordallo Pinheiro (cerâmica). Fabricada nas Caldas da Rainha, em Portugal, é uma das maiores peças de cerâmica do mundo, medindo 2m,25 de altura por 0m,85 de diâmetro, em sua maior largura. De estilo barroco, traduz o encantamento que suscita a Sinfonia do grande compositor alemão. O próprio autor doou-a ao Brasil; estêve algum tempo no Palácio do Catete, daí passou para o Museu Nacional da Quinta da Boa-Vista, de onde foi, em 1939, remetida ao Museu Nacional de Belas Artes. Figura atualmente na "Sala da Mulher Brasileira".

Como nota curiosa, reproduzimos abaixo a fotografia de um quadro ofertado ao Museu em novembro de 1941 pela Sra. Olímpia Wanderley e que foi pintado por uma artista suíça... e com os pés.

— Mas com os pés?

— Sim, com os pés! É melhor ler a legenda, conforme transcrevemos do Anuário do Museu.



Retrato da Sra. Maria Oliveira Beltrão, de autoria de Aimée Rapin, 1895. Essa tela, que hoje integra as coleções do Museu, tem um grande interesse, inclusive por haver sido pintada pela referida artista suíça, de Genebra, que num dos esforços mais curiosos da História da Arte, conseguiu desenhar e pintar com maestria e desembaraço, utilizando-se únicamente de seus pés, pelo fato de haver nascido sem braços.

VISITA AO MUSEU

Já é tempo de dizermos alguma coisa de nossa visita ao Museu.

Não será descrição minuciosa como a que fizemos da Casa Rui Barbosa e do Museu Histórico Nacional, nesta mesma Revista.

Um quadro aqui, uma escultura acolá e, entre um e outra, qualquer coisa sobre os serviços rotineiros do Museu. Mas, nessa pressa, desejamos muito não tropeçar...

Comecemos, portanto, pelo vestíbulo. Duas estátuas, dois bustos e algumas telas lá em cima, perto do teto.

Só falemos das estátuas. Uma, "A Escrava", de ANTONINO MATOS, escultor brasileiro, falecido há pouco tempo, em 1938. É autor do monumento "A Retirada da Laguna", que vocês todos conhecem e que foi erguido na Praia Vermelha. ANTONINO MATOS foi aluno da Escola Nacional de Belas Artes e conquistou o prêmio de viagem à Europa e, mais tarde, a medalha de ouro. "A Escrava" é um belo trabalho.

Ainda defronte da entrada principal do Museu vê-se, à direita, outra estátua: o "Paraíba", bronze de CÂNDIDO CAETANO DE ALMEIDA REIS, também escultor brasileiro, mas de época bem anterior à de ANTONINO MATOS. Nasceu ele nesta capital a 3 de outubro de 1838 e faleceu em 1889. O "Paraíba" está representado por um índio tamoio.

Quanto às telas, destacam-se entre elas a "Alegoria à cidade de Paris", do pintor francês EDMOND FRANÇOIS AMAN-JEAN, e o quadro "Eros e a Noite", com que RODOLFO AMOEDO conquistou a medalha de ouro.

Passemos ao

HALL DO 1.º ANDAR

Chama logo a atenção do visitante a escultura "Vitória de Samotracia", encontrada no século passado na ilha dêsse nome, na Grécia, em 1863, e levada para o Museu do Louvre, em Paris, onde hoje se encontra.

O "Pulo da Onça" é excelente trabalho do saudoso escultor carioca ARMANDO MAGALHÃES



"Entardecer", de Vicente Leite (prêmio de viagem de 1940).

CORREIA, que com êle conquistou em 1912 o prêmio de viagem à Europa.

Não conhecíamos êsse bronze de MAGALHÃES CORREIA, artista e escritor que muito apreciamos através de sua constante colaboração ao "Correio da Manhã", cujo suplemento dos domingos vinha sempre repleto de desenhos seus de aspectos do Sertão Carioca, como êle chamava tôda essa vasta zona do Distrito Federal lá para os lados de Barra da Tijuca, Jacarepaguá, Sepetiba, etc. Como desenhava bem o grande amigo da cidade! Também andou êle pelo interior dos Estados do Rio e de Minas, à cata de velhas igrejas, pontes rústicas, de antigas fazendas, fixando-as em descrições minuciosas e sempre belamente ilustradas.

Defronte do "Pulo da Onça", de MAGALHÃES CORREIA, encontra-se o delicado trabalho "Santo Humberto", de JOSEFINA VASCONCELOS, escultora brasileira, que há muito reside na Inglaterra. Va-

mos transcrever aqui o que informa sôbre essa artista patrícia o *Guia do Museu*

Josephina Vasconcellos — Brasileira.

Escultora contemporânea. Nasceu em Hampton Court (Inglaterra) a 26 de outubro de 1904, tendo sido registrada no Consulado brasileiro. Iniciou seus estudos no Brasil com Rodolpho Bernardelli, tendo tido mais tarde cômo mestres Guido Calore em Florença, Bourdelle em Paris, e por último Brownswood. Tem obtido vários prêmios na Inglaterra e na França. "Santo Humberto" foi exposto no Salão Nacional de Belas Artes do Rio em 1927 e nesta ocasião adquirido pelo Estado. Dentre os seus mais notáveis trabalhos acham-se o Altar-mor da Igreja de Varengeville-sur-mer e um busto da Virgem e o Menino Jesus para a mesma Igreja. Dedica-se especialmente aos temas religiosos.

O "Ceifeiro", como a "Vitória de Samotrácia" a que já nos referimos, é escultura dominante do "hall", pela sua imponênciâ. Seu autor é CONSTANTINO MEUNIER, escultor belga, antigo professor das Academias de Louvain e de Bruxelas.

O governo belga fêz doação do "Ceifeiro" à nossa Escola de Belas Artes por ocasião da visita ao Brasil, do rei Alberto I.

Não suponha o leitor que no "hall" só existem "O Pulo da Onça" e "O Ceifeiro". Há muitos outros trabalhos valiosos de escultura, mas precisamos tocar pr'a frente!

Passemos agora para a

GALERIA IRMÃOS BERNARDELLI

Eis como o Professor Osvaldo Teixeira se refere à obra dos irmãos Rodolfo, Henrique e Félix Bernardelli:

"A obra dos irmãos Bernardelli é feita de tradição e de beleza; por isso resistirá ao tempo. Só os artistas que com sinceridade e emoção constroem sua arte, lançam raízes fecundas e nobres, para as gerações futuras.

A lição sábia, humana e generosa dos artistas Bernardelli ficará glorificada como oração perene do ardente culto ao trabalho e ao esplendor da verdade.

A almas tão fraternas e a espíritos tão estéticos, bem se poderia aplicar o pensamento de MESSER LEONARDO DA VINCI: *Cosa bella mortal passa e non d'arte.*"

Na Galeria Irmãos Bernardelli, vamos encontrar obra copiosa dos três grandes artistas, que tão alto elevaram as artes plásticas no Brasil, enriquecendo o nosos patrimônio artístico de trabalhos que, como bem disse OSVALDO TEIXEIRA, resistirão ao tempo, pois foram, realmente, realizados com sinceridade e emoção.

Os Bernardelli têm história interessante e agrada-nos contá-la aos leitores da *Revista do Serviço Público* conforme nos oferece o *Guia* dos trabalhos expostos na Galeria Irmãos Bernardelli, elaborado pelos técnicos do Museu Nacional de Belas Artes:

Rodolfo Bernardelli

(1851-1931)

Mexicano por nascimento, italiano de origem pelo lado materno e também pelo paterno, pois seu pai, embora russo, era filho de italiano e austriaco, Rodolfo Bernardelli foi brasileiro de coração, dedicando um grande amor à nossa terra, que passou a ser a sua, ilustrando-lhe a história com obras primorosas e imperecíveis.

Seu temperamento era, pois, formado de muitas raças, predominando, porém, a influência italiana, seguindo-se-lhe a russa, a francesa, a austriaca, a espanhola.

Rodolfo Bernardelli descendia de artistas; seu pai, Oscar Bernardelli, era violinista; sua mãe, Celestina Thierry, dansarina formada pelo Conservatório de Milão; seu avô

materno, escultor, o qual tendo sido contratado para fazer a estátua de Juarez, no México, para lá seguiu com sua filha, que aí se casou com Oscar Bernardelli, que havia conhecido em Paris. Daí ter Rodolfo nascido no México.

Tempos apóis, resolveu a família Bernardelli transferir-se para o Chile, naufragando o navio em que viajavam, à altura das ilhas Taiti. Depois de longa e angustiosa espera, conseguem seguir numa embarcação e chegar ao seu destino, onde logo depois nasce o grande pintor Henrique.

Mas tarde, a família Bernardelli muda-se para Argentina e, apóis, para o Rio Grande do Sul, onde vive de lições



"O pão nosso de cada dia", de Osvaldo Teixeira — "Salão de 1945".

e da renda de uma companhia de variedades. Finalmente, transfere-se para o Rio.

Num lar de artistas, foi, pois, que Rodolfo formou sua personalidade e, quando voltava do Mosteiro de São Bento, onde estudava, detinha-se para apreciar a aula de Chaves Pinheiro, na antiga Escola de Belas Artes. O seu radioso destino chamava-o àquela Casa, onde entrou em 1870, tendo como primeiro mestre Chaves Pinheiro. Como aluno, executou a estátua "David", com a qual obteve medalha de ouro.

Logo depois, apresenta Rodolfo Bernardelli "Saudades da tribo" e "À espreita", premiada esta na Exposição Universal de Filadélfia.

Em 1876, com um trabalho tendo como motivo uma cena grega, conquista o prêmio de viagem à Europa e parte para a Itália. Inicia-se, então, o período decisivo de sua carreira. Em Roma, viveu nove anos, trabalhando, observando e estudando com afinco, desenvolvendo, assim, suas raras qualidades de artista nato. Aí, teve como mestre Monteverde, que se tornou seu grande amigo e admirador. O meio artístico elevado contribui grandemente para que seu espírito criador se revele de uma maneira verdadeiramente prodigiosa.

Ainda como pensionista, apresenta trabalhos de artista feito, como "Cristo e a Adúltera", considerado como o melhor grupo escultural que possuímos; "A Faceira", "Sto. Estevam", "Fabiola", bem como as cópias de "Venus Calipígia" e "Venus de Médicis". Essas foram, aliás, as melhores obras do grande escultor, nunca excedidas na maturidade.

Regressando de Roma em 1885, Rodolfo passou logo a ser Professor de Escultura da Escola de Belas Artes. No início da República, Benjamin Constant nomeou-o Diretor dessa mesma Escola, cargo que ocupou com eficiência e dedicação durante 25 anos, conseguindo realizações notáveis, como a remodelação do ensino artístico, a criação de exposições com instituição de novos prêmios, a fundação do Conselho Superior de Belas Artes.

Lutou ardorosamente pela construção do novo edifício da Escola de Belas Artes; empenhou-se junto às autoridades,

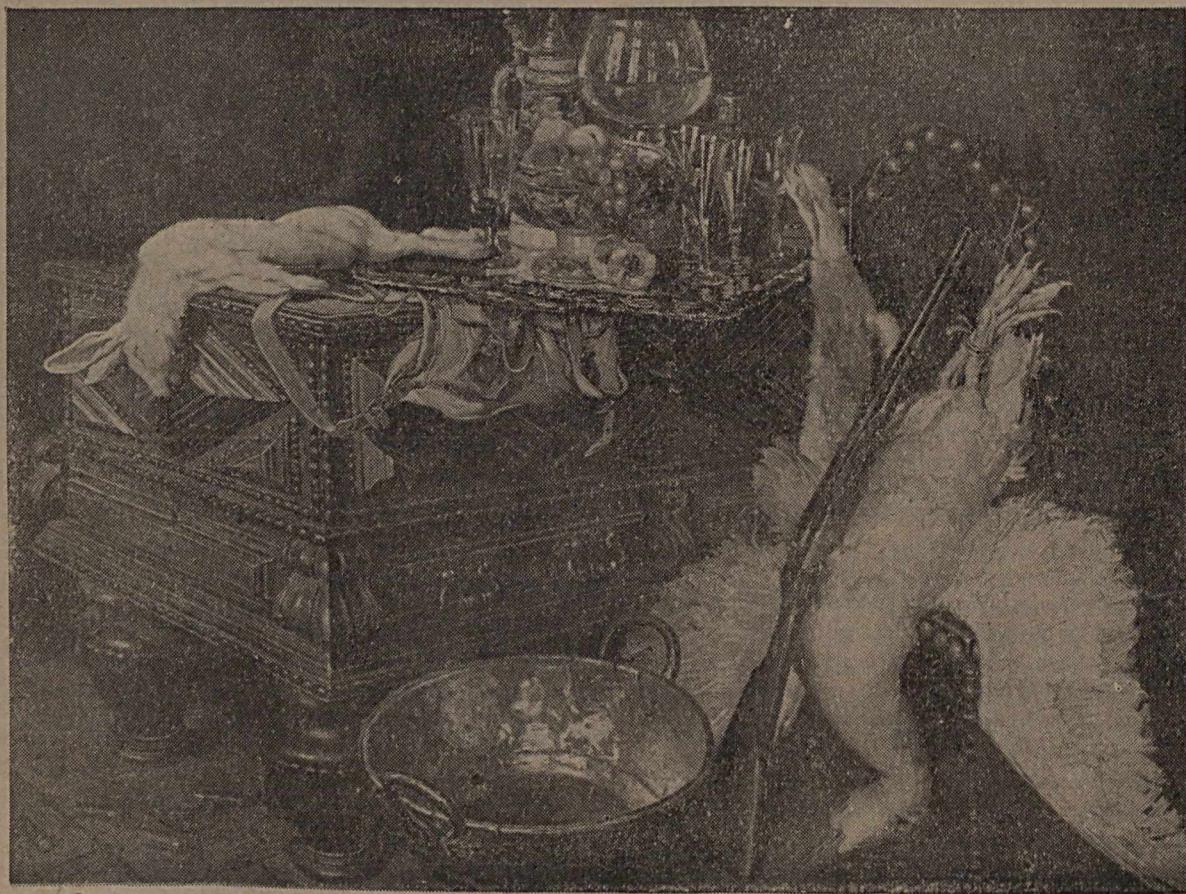
aos poderes públicos, e conseguiu vê-lo pronto e inaugura-lo ainda como Diretor desse estabelecimento. Despendeu, então, enorme atividade, mas, acima da dedicação que tinha ao seu cargo de Diretor do ensino artístico, estava o amor à sua arte e, assim, produzia sempre, com crescente entusiasmo.

Nas praças e jardins do Rio de Janeiro, erguem-se belas estátuas de sua autoria, entre as quais as de Osório, Caxias, José de Alencar, Otoni, Teixeira de Freitas, Francisco de Castro, Barão de Mauá, o grupo do Descobrimento do Brasil, os bustos de Pereira Passos e Gonçalves Dias. Fora da Capital, encontram-se ainda outros monumentos importantes: Pedro I, do Monumento do Ipiranga; José Bonifácio, em Santos; Carlos Gomes, em Campinas; Rio Branco, em Curitiba e Uruguaiana.

As estátuas que decoram o nosso Teatro Municipal; as da Biblioteca Nacional; as do túmulo de Campos Sales; do antigo edifício do "O País".

Modelou um enorme número de bustos das personalidades mais representativas de sua época; fez baixos-relevos, medalhões, um grande número de maquetes para túmulos.

Muito produziu Rodolfo Bernardelli, legando-nos, em forma concreta, toda a beleza de seu privilegiado temperamento de artista. Era invulgar a sua capacidade de compreensão, a sua inteligência, e estudou sempre, até o fim



"Fim de caçada", de Osvaldo Teixeira — "Salão de 1945". Adquirido pelo Jockey Club (Rio).



"A caminho do curral", de Baptista da Costa.

da vida, cônscio de quanto é necessária ao artista uma cultura vasta e sólida, como a que possuía.

Por tôdas essas qualidades, era relacionado nos melhores círculos do país, não só com artistas, mas com homens de letras, políticos, jornalistas, professôres.

O Imperador muito o admirava e pousou para élê.

Como professor, teve uma ação verdadeiramente construtora entre nós — todos seus alunos o amavam e a êles transmitia R. Bernardelli não só o perfeito conhecimento da técnica escultórica, como erudição, persistência no trabalho.

Ensinou a maior parte dos bons escultores que possuímos atualmente.

Felizmente para o Brasil e para a arte, muito viveu Rodolfo Bernardelli — 79 anos de uma vida laboriosa, conservando até o fim tôdas as qualidades de espírito e intelecto, merecendo, assim, de todos, respeito e admiração.

O atelier dos inseparáveis irmãos Bernardelli, em Copacabana, foi, durante muitos anos, como que um "óasis" em meio às competições e lutas da vida; lá, se reuniam artistas e intelectuais, um grande e seletivo número de amigos que ouviam emocionados a sábia palavra do grande mestre. A ação de sua presença era um bálsamo para quem dêle se aproximava; seu caráter era firme e sem jaça; tolerante para com todos, não transigia consigo mesmo; con-

servava sempre nos lábios um perene sorriso de indulgência.

Modesto por natureza e como são todos os que possuem real valor, Rodolfo Bernardelli sabia que sua glória estava assegurada com as obras que executara. A 7 de abril de 1931, finou-se o ilustre mestre, mas aí estão e estarão sempre, desafiando a posteridade, na Capital do país e em diversas cidades desta terra que êle tanto amou, os monumentos de sua autoria; aqui estão reunidos na "Galeria Irmãos Bernardelli" as mais importantes obras do grande plástico, que honram o nosso Museu e muito dignificam a arte brasileira.

Henrique Bernardelli

(1858-1936)

Irmão de Rodolfo, como êste herdou de seus ascendentes um verdadeiro sentimento artístico.

Henrique Bernardelli nasceu no México em 1858; vindo para o Rio, matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes em 1870, onde teve como mestre João Zefirino da Costa.

Em 1878 foi por conta própria estudar na Europa, fixando-se na Itália. Nesse grande centro artístico, Henrique muito lucrou, aperfeiçoando seus conhecimentos com os sábios ensinamentos dos mestres italianos, rece-

bendo, principalmente, forte influência de Domênico Morelli.

De volta ao Brasil, realizou em 1886 uma exposição, apresentando trabalhos de tal maneira vigorosos, originais, diferentes, que causaram uma verdadeira revolução e não foram por muitos compreendidos; entretanto, Gonzaga Duque teceu-lhe os maiores elogios; três dessas telas destacavam-se sobremaneira: "Tarantela", esplêndida pintura de costumes, pincelada com muita energia e realidade; "Mater", representando uma jovem mulher amamentando uma criança, e "Ao meio-dia", paisagem pintada de maneira sólida, segura e franca. Foi, sem dúvida alguma, um inovador em nosso meio.

Dáí por diante, Henrique Bernardelli, apreciado por muitos, combatido por poucos, impõe-se como um artista feito. Conquista medalha de bronze na Exposição Universal de Paris, em 1889. Primeira medalha de ouro, na Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1890. Nesse mesmo ano, é nomeado Professor de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes, onde suas lições fizeram época.

A carreira artística de Henrique Bernardelli, porém, atinge seu ponto culminante com a apresentação de "Os Bandeirantes" onde representa a epopéia titânica dos penetradores do nosso "hinterland", e na qual a floresta brasileira está representada na magnífica realidade de sua pujança. É um quadro forte e digno de um mestre.

Decorador, retratista, paisagista, pintor de gênero e de natureza morta, Henrique Bernardelli produziu, em todas as modalidades, obras admiráveis. Além do óleo, executou pinturas a têmpera e aquarelas. É o autor dos vinte e dois medalhões "afresco" da fachada do atual Museu Nacional de Belas Artes.

Em 1916 conquistou a mais alta premiação a que um artista plástico pode aspirar no Brasil: a Medalha de Honra.

Foi Membro do Conselho Superior de Belas Artes, onde prestou relevantes serviços.

Muito trabalhou Henrique Bernardelli em seu atelier em Copacabana, conjuntamente com seu irmão, o grande escultor Rodolfo. Sobre vivendo ao irmão querido, faleceu a 6 de abril de 1936, deixando para imortalizar-lhe o nome, grande número de obras que demonstram claramente todo o brilho do talento privilegiado de tão ilustre mestre.

Felix Atiliano Bernardelli

(1866-1905)

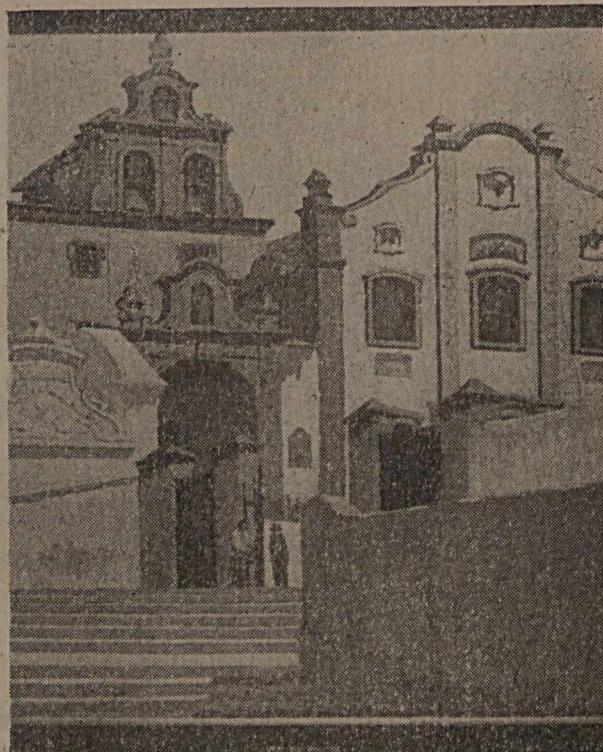
Dos três irmãos Bernardelli artistas, foi Felix Atiliano o único brasileiro de nascimento, pois nasceu no Rio Grande do Sul, a 8 de outubro de 1866.

Vindo para o Rio, matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes em 1877. Mais tarde foi para o México.

Esteve na Europa, aperfeiçoando em Roma seus conhecimentos de pintura; também cultivou a música; obteve, como pintor, medalha de 3.ª classe na Exposição Geral de 1894.

Artista de grande talento, Félix Atiliano faleceu muito jovem ainda, no México, em 1905, onde muito produziu não só para a glória da pintura como da música. Foi, sem dúvida, um apóstolo da beleza; serviu com fervor e justificado orgulho ao divino Apolo e à encantadora Euterpe.

Em nosso Museu temos, de Félix Atiliano Bernardelli, uma pequena tela de técnica notável e de efeito surpreendente: "Passará él?". Dir-se-ia um holandês do nosso tempo, observando os nossos costumês com uma graça de que só os eleitos são portadores."



"Igreja de Santo Antônio", prêmio de viagem, de Jordão de Oliveira.

ALGUNS DOS NUMEROSOS TRABALHOS EXPOSTOS NA GALERIA

Antes de qualquer referência aos trabalhos expostos na Galeria, não podemos deixar de mencionar esta lembrança afetuosa de admiradores dos Bernardelli: pequena vitrine contendo a palheta de HENRIQUE, oferecida ao Museu pelo Dr. Ubirajara Coutinho. Ao lado da palheta, vêem-se vários desbastadores de que se servia RODOLFO, doação da Sra. Ester Campista. São, ao todo, 21 instrumentos diferentes para modelagem no barro.

Logo acima da vitrina, encontra-se um retrato a óleo de RODOLFO, trabalho de seu irmão HENRIQUE.

O pintor HENRIQUE SÁLVIO chama-nos a atenção para as mãos de RODOLFO, a naturalidade com que o escultor segura um desbastador, a expressão de sua fisionomia, tudo, enfim, a revelar a maestria de HENRIQUE, a maneira vigorosa de sua arte pictórica.

De HENRIQUE BERNARDELLI são, ainda, alguns outros quadros, poucos, aliás, naquela mesma galeria, onde os trabalhos de escultura predominam. "Cabeça de estudo", óleo, mostra-nos um velho italiano, com seu lenço à cabeça e expressão exata de... muita estupidez e rusticidade.

A galeria é, sobretudo, muito rica em trabalhos do escultor RODOLFO BERNARDELLI. "A Faeira" (bronze), "Cristo e a adúltera", mármore, "S. Lucas", gesso patinado, etc. são esculturas que nos deixam funda impressão.

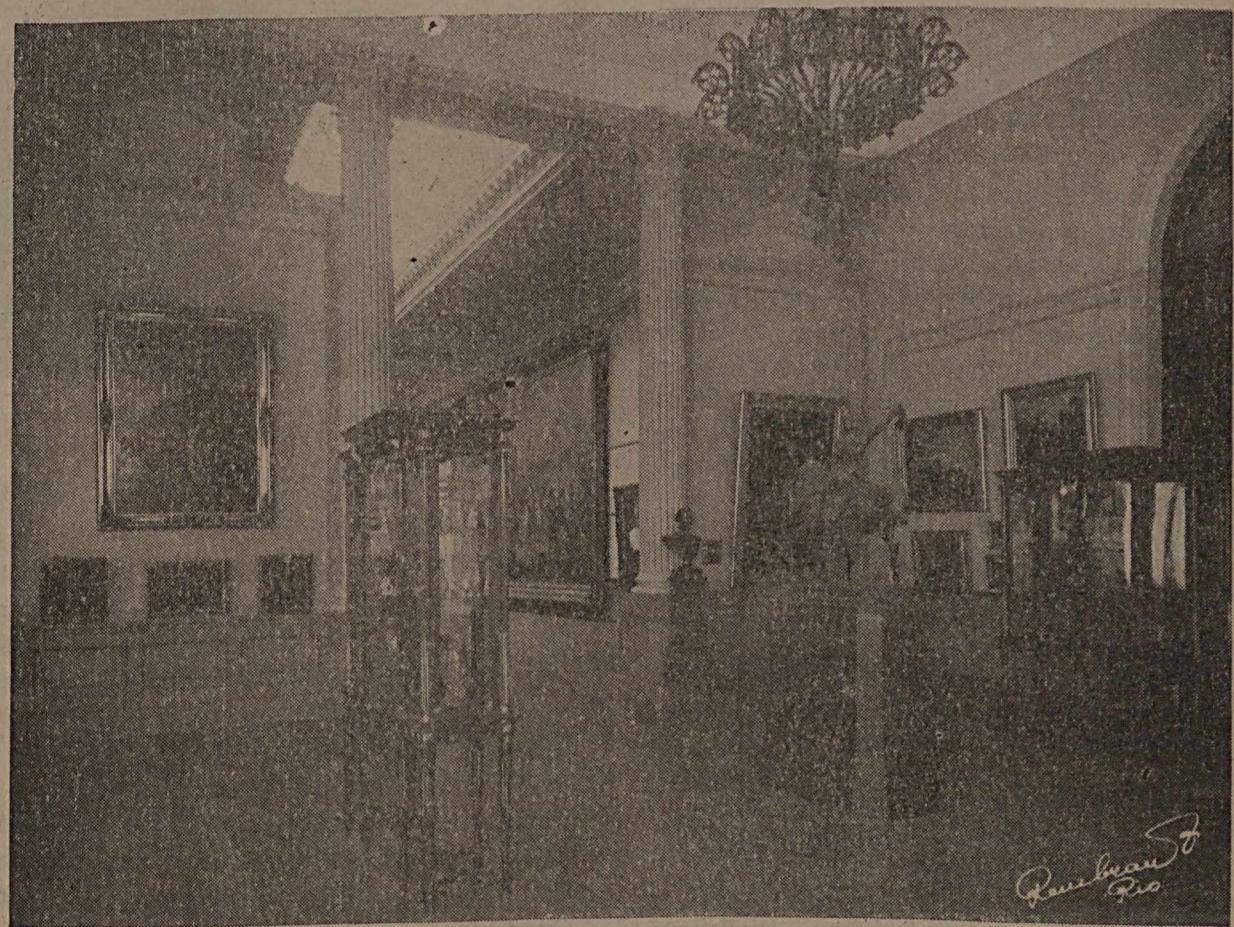
Muito bonita a escultura "Santo Estevão" de que ali está o original em gesso, pois a escultura em bronze se acha exposta na pinacoteca. Santo

Estevão, caído, depois de apedrejado, revela-nos dor, tortura dos ferimentos e insultos recebidos.

É imensa a exposição de bustos originais em gesso, de figuras de outros tempos do nosso mundo político e social, como Carlos Gomes, Visconde de Araguaia, Condessa de Frontin, Leopoldo Miguez, Visconde de Amoroso Lima, Engenheiro Teixeira Soares, Conselheiro Gaspar da Rocha, Antônio Coxito Granado, e muitos outros.

Quanto ao de Coxito Granado, pudemos verificar a fidelidade de sua expressão, pois temos bem viva na lembrança a figura simpática do saudoso industrial, que na sua velhice — mais de 90 anos! — mantinha a cordialidade, a alegria de um moço!

A Galeria dos Irmãos BERNARDELLI não é só alta e nobre exposição de arte, mas também relígio precioso de recordações do nosso Rio, através de figuras das mais representativas do seu meio social, figuras que vão desaparecendo de nosso convívio, de nossa admiração!



Sala Missão Artística Francesa.

SALA FRANZ POST

Da Galeria Irmãos BERNARDELLI passamos para a pequena *Sala Franz Post*, onde se encontram 24 quadros, sobre madeira e tela, de FRANZ POST (1612-1680) e dêstes outros pintores holandeses da época CORNELIUS VAN HEEM (1631-1695); BOTH (1610-1652); PETER MOLYN (1632-1701).

Realizou-se no Museu, em 1942, de 11 a 23 de julho, uma exposição de trabalhos de FRANZ POST.

Os estudiosos de História da Arte tiveram nessa exposição muito que apreciar.

FRANZ POST foi "uma das figuras mais interessantes de arte européia a documentar o Novo Mundo, como revelador do Nordeste do Brasil do século XVII. Aqui viveu, segundo consta, sómente sete anos, durante o período nassaviano. De tal forma, porém, se impressionou com tudo o que viu, com todos os exotismos de uma civilização heterogênea que ainda procurava formar-se, que até o fim de sua vida, aliás longa, limitou-se quase exclusivamente a representar os temas aqui colhidos". Do *Anuário do Museu*, n.º 4, de 1942, extraímos o que aí ficou dito entre aspas. Mas há esta observação sobre a obra de FRANZ POST, que deve ainda ser passada para aqui: "É, pois, de um valor inestimável para nós essa obra. É a documentação mais completa de nossas cidadezinhas nordestinas, de seus habitantes e de seus costumes. Nela encontramos dados para o estudo da indumentária da época em nosso interior, de vários tipos de construção em uso, de sua distribuição nas fazendas e nas vilas; constatamos já a existência de estradas largas, de magníficas ruínas de pedras invadidas por rica vegetação. Aquela região tão nova provava já ter um passado..."

Naquela pequena sala do Museu está, pois, verdadeiro tesouro, documentação preciosíssima do nordeste brasileiro, de uma época que tanto tem sido pesquisada pelos nossos historiadores, sobretudo daqueles que mais se detêm em estudar o período da dominação holandesa.

Lá está "Paisagem de Pernambuco", de FRANZ POST, oferta do Governo Real Holandês por ocasião do Centenário da Independência do Brasil, em 1922; "Vista de Olinda-Pernambuco" (óleo — tela); "Paisagem da Paraíba" (óleo — madeira);

"Interior de Pernambuco" (óleo — madeira); "Engenho de cana" (óleo — tela); etc.

FRANZ POST, que era pintor, desenhista e aguafortista, deixou também retratos magníficos, como o do Conde João Maurício de Nassau, que também figura no Museu. Acredita-se que FRANZ POST tenha sido discípulo de VAN DYCK.

A senhorita Regina Real ressaltou-nos ainda o valor de outros quadros expostos na *Sala Franz Post* e contemporâneos dêste artista, como os de PETER MOLYN (*Pôrto fortificado*), de BOTH



"Nobre holandesa", de Mierevelt (holandês), uma das jóias do museu.

(*Grande vaso com flores*), de CORNÉLIUS VAN HEEM (Vasos sobre tapete).

Já na reportagem anterior, que fizemos sobre o Palácio do Ministério da Educação, havíamos aludido, ao tratar da biblioteca, ao célebre BARLEUS, que folheamos com admiração e respeito e no qual também admiramos magníficas paisagens de Pernambuco dessa mesma época de relêvo de nossa formação social. E, francamente, se nos sobrasse tempo, talvez procurássemos conhecê-la melhor abeirando-nos da documentação escrita a ela referente e detendo-nos com mais vagar a observar as pinturas da época.



"Tarantela" de H. Bernardelli.

Como não podemos fazer semelhante incursão pelo domínio da nossa história, aqui deixamos estas referências às primeiras pinturas realizadas no Brasil para que outros as apreciem com mais proveito.

SALA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

A existência da *Sala Missão Artística Francesa* constitui justa e merecida homenagem a um grupo de artistas franceses de nomeada, que muito concorreu para o desenvolvimento e progresso do ensino das artes plásticas no país.

Melhor será transcrever em seguida o histórico da Missão Artística Francesa, conforme nos oferece, de forma autorizada, o *Anuário do Museu*. Ei-lo:

HISTÓRICO

Elevado o Brasil a sede da Monarquia Portuguesa, verificou-se um enorme surto de progresso, o qual não

deixou, não podia deixar de atingir as artes, reflexo verdadeiro de uma civilização.

D. João VI, como todo Bragança, amava as belas artes; daí o ter apoiado inteiramente os conselhos de Antônio de Araújo e Azevedo, Conde da Barca, de mandar buscar à França uma missão artística e criar uma escola onde fôsse ministrado o ensino das belas artes.

Em fins de 1815, foi, pois, incumbido o então encarregado dos negócios de Portugal em França, o Marquês de Marialva, de organizar essa Missão. Este, como hábil diplomata que era, recorreu a Humboldt e desempenhou-se com muito critério da incumbência.

Para chefiar a Missão, foi aceito o nome de Joaquim Lebreton, membro do Instituto de França e homem de vasta cultura especializada no assunto, que, segundo documentos de origem portuguêsa, já havia oferecido os serviços próprios e os de um grupo de artista e profissionais ao Marquês de Marialva. Todos êsses artistas, inclusive Lebreton, atravessavam então uma fase de dificuldades na França, depois da queda de Napoleão, o grande Monarca que muito os protegera. Daí o interessar-lhes a perspectiva de uma tão longa viagem.

A Missão ficou, pois, constituída de pessoas de reconhecida competência, as quais podem ser divididas em 2 partes distintas:

a) *quadro diretor e artístico*, composto de:

Joaquim Lebreton — chefe (1760-1819);
 Pierre Dillon — secretário;
 Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), pintor de paisagem;
 Jean Baptiste Debret (1768-1848), pintor histórico;
 Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), arquiteto;
 Auguste Marie Taunay (1768-1824), escultor;
 Charles Simon Pradier (1786-1848), gravador;
 François Ovide, professor de mecânica; e três assistentes: François Bonrepos, Charles Louis Levasseur e Louis Simphorien Meunié.

b) *quadro complementar ou de artes mecânicas*, composto de seis mestres de artes e ofícios (carpinteiros, ferreiros, segeiros, etc.).



"O cozinheiro", de Joseph Bail (coleção Baronesa de São Joaquim).

Posteriormente, vieram ao Brasil incorporar-se a essa Missão os irmão Marc e Zepherino Ferrez, o primeiro escultor, o segundo gravador.

Reunidos todos êsses elementos, embarcaram os franceses no pequeno brigue americano "Calpe", que partiu do Havre a 22 de janeiro de 1816. Para essa viagem recebera Lebreton do cavalheiro Brito, funcionário da Embaixada Portuguesa em Paris, uma ajuda de custo de dez mil francos.

É interessante salientarmos o fato de não haver Lebreton cuidado apenas de trazer artistas — futuros mestres dos brasileiros — e sim também uma coleção de cinqüenta e quatro quadros, com os quais pretendia fundar a pinacoteca da futura Academia, na qual figuravam telas de artistas de renome, inclusive cópias de alguns dos mais célebres quadros italianos. Lebreton não conseguiu formar a Pinacoteca projetada, que só muito mais tarde foi organizada. Ainda hoje o Museu Nacional de Belas Artes possui alguns daqueles quadros, que figuravam na "Exposição Missão Artística Francesa de 1816" e que foram trazidos por Lebreton graças à sua larga visão de esteta, de homem que de há muito trabalhava nos mais reputados meios artísticos-culturais, como o Instituto de França e o Museu do Louvre.

A 26 de março de 1816, chegou a Missão Artística Francesa ao Rio. Dias após, foram os artistas apresentados pelo Conde da Barca a D. João VI, que lhes deu amistoso acolhimento.

A ação dêsses artistas no Brasil foi, porém, dificultada por uma enorme série de contratempos. Inicialmente, sofreram a guerra que lhes moveu o diplomata que então representava a França na Corte de D. João VI, o Cônsul Geral Maler. Esta perseguição visava principalmente a Lebreton, ardoroso Bonapartista, e o Cônsul Maler quis levar o escrúpulo e o zélo de representante do Governo dos Bourbons ao ponto de perseguir o chefe da Missão Francesa nesta outra parte do Hemisfério, chegando mesmo a lembrar a D. João VI que ia nomear para o alto posto de Diretor da Academia a um "servidor fidelíssimo de Napoleão I e correligionário daqueles que haviam forçado sua magestade a embarcar para a América". Esse o motivo pelo qual só depois de decorridos mais de quatro meses da chegada dêsses artistas ao Rio foram os mesmos nomeados oficialmente como professores, por decreto de 12 de agosto de 1816, que criou a "Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios".

Mais tarde, muitas outras dificuldades vieram retardar e restringir a ação dos mestres franceses entre nós, entre as quais podemos destacar:

- a morte do Conde da Barca, infatigável protetor da Missão (1817); o falecimento de Lebreton (1819);
- o retardamento da construção do edifício da Academia (projeto de Grandjean de Montigny) e principalmente o da sua instalação, que só se verificou dez anos após a chegada dos artistas franceses;
- a nomeação de dois portuguêses para os altos cargos de Diretor e Secretário da Academia, respectivamente Henrique José da Silva (1772-1834) e Padre Luís Rafael Soyé, pelo decreto de 23 de novembro de 1820, que reorganizou essa Academia.

Por esse mesmo decreto verifica-se haverem sido contratados os irmão Marc e Zepherino Ferrez, que os assistentes dos professores franceses não foram contemplados e que em lugar dêles foram aproveitados os já então discípulos de Debret, Simplício Rodrigues de Sá, João de Cristo Moreira e Francisco Pedro do Amaral.

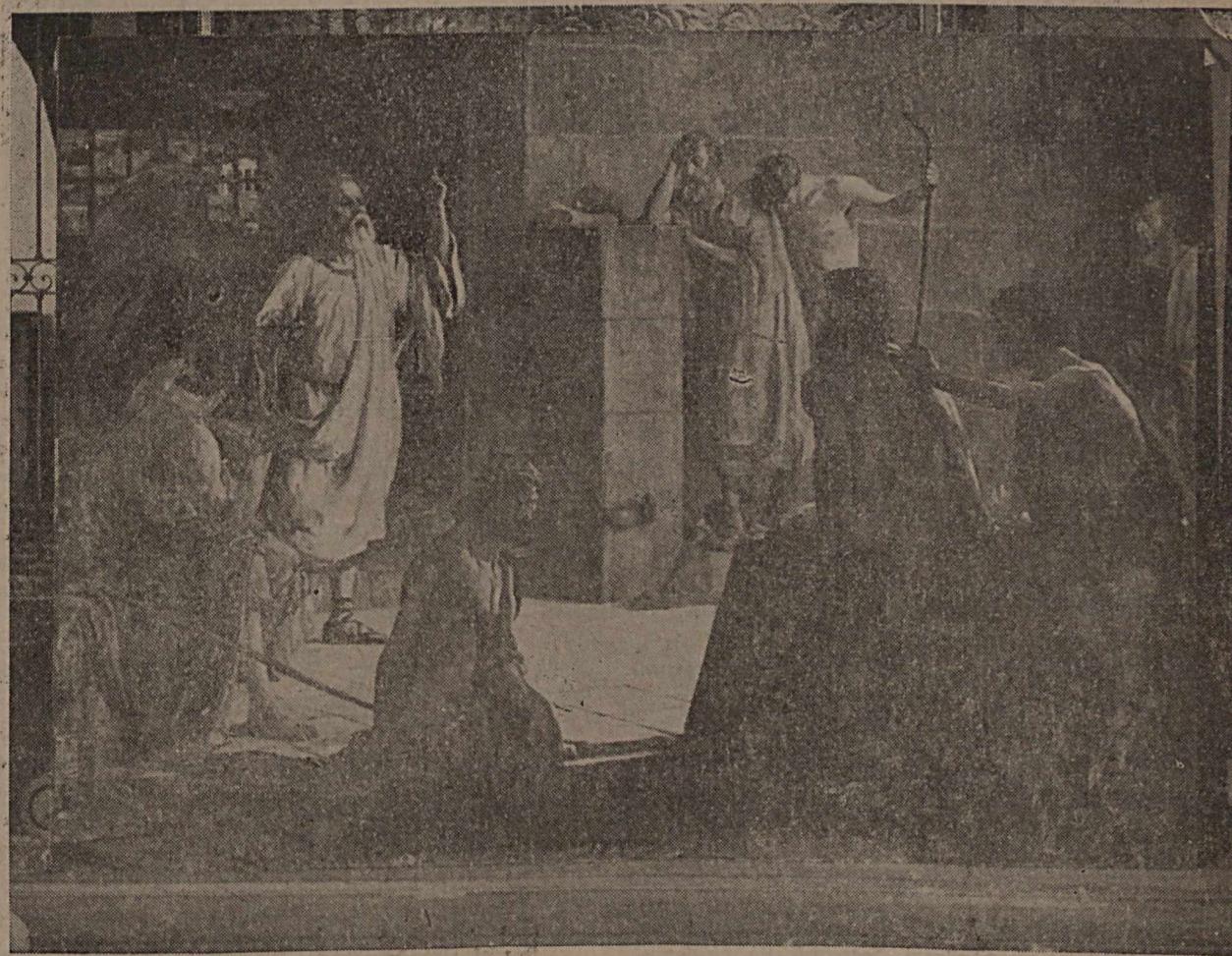
Nicolas Antoine Taunay, desanimado, dedica-se quase que exclusivamente à arte em sua vivenda na Tijuca, onde trabalha incessantemente, encantado com a beleza de nossa natureza tropical — era ele um artista feito, premiado em vários "Salons" de Paris, membro do Instituto de França, de grande talento e marcada sensibilidade artística, como provam as telas expostas no presente certame, especialmente os retratos de pessoas de sua família e seus quadros de "gênero", de pequenas dimensões, verdadeiras miniaturas, de notável execução. Seguiu-lhe o exemplo de retraimento seu irmão, o escultor Augusto Marie Taunay, aqui falecido em 1824.

Com o regresso de Nicolas Antoine à pátria, em 1821, ficou como seu substituto, na cátedra de pintura de paisagem, seu filho e discípulo Félix Émile Taunay (1795-1881), que o acompanhara ao Brasil muito jovem ainda, não sendo por isso incluído na relação dos artistas competentes da Missão.

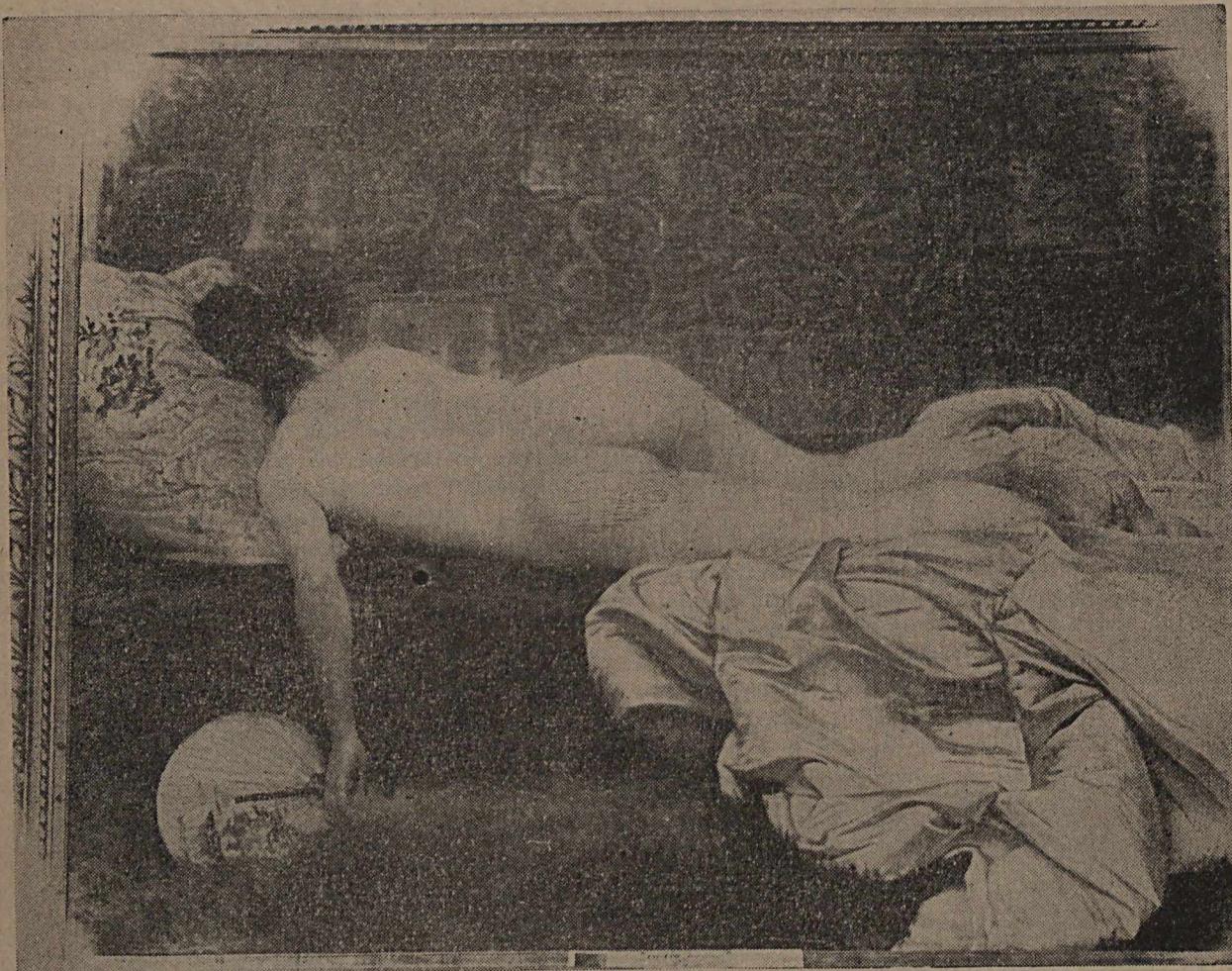
Tornando-se o país independente e subindo Pedro I ao trono, novas esperanças tiveram os artistas franceses. Conseguiram, então, do nosso Primeiro Imperador, a instalação de "cursos livres" de cada uma de suas especialidades, devido ao fato de ainda não estar oficialmente inaugurada a Academia, mas mesmo depois que isso se

deu, com tôda a solenidade — a 5 de novembro de 1826 — continuaram os mestres franceses a ensinar em seus "cursos livres", porque o Diretor, Henrique José da Silva, havia elaborado um regulamento que obrigava o aluno a permanecer cinco anos na aula de desenho, da qual era professor, antes do estudo de qualquer ramo de arte que desejasse seguir. Sómente Grandjean de Montigny podia dar uma lição de duas horas por dia aos alunos de desenho que se destinavam à arquitetura.

DEBRET, porém, desde que chegou ao Brasil, apesar de tôdas as dificuldades encontradas, dedicou-se ao professorado, exercendo esse ilustre artista, membro do Instituto de França, prêmio de Roma, aluno do grande DAVID, uma ação verdadeiramente construtora e decisiva para o nosso ensino artístico. Podemos afirmar que, durante os quinze anos que permaneceu no Brasil, DEBRET dividiu sua atividade em duas partes distintas, mas igualmente proveitosas e interessantes para nós: ensinou com eficiência e dedicação e estudou com tal amor e interesse nossa terra e nossa gente que nos deixou a maior e melhor documentação dessa época. Ao seu espírito de observador inteligente, de esteta, nada passou despercebido, fixando em seus trabalhos desde os aspectos da partida do "Calpe" do Havre e da vida a bordo, os da entrada da Barra do



"Último diálogo de Sócrates". Prêmio de viagem, de Raimundo Cela.



"Nu", de Amoedo, uma das mais valiosas telas do Museu.

Rio de Janeiro, até sua residência em Catumbi; pintou nossas paisagens, motivos arquitetônicos, assuntos religiosos; a flora e fauna brasileiras; as três raças que formaram o nosso povo — a índia, a lusa e a negra, foram objeto de seu detalhado estudo. Todos êsses seus desenhos, aquarelas ou óleos, foram ainda reunidos, reproduzidos e por él descritos e comentados em seu interessantíssimo livro "Voyage pittoresque et historique au Brésil", publicado depois de seu regresso à pátria. A DEBRET devemos ainda a organização das duas primeiras exposições de Belas Artes realizadas no Brasil em 1829 e 1830.

GRANDJEAN DE MONTIGNY, o grande arquiteto francês, discípulo de PERCIER e FONTAINE, também muito trabalhou no Brasil, fazendo numerosos e interessantes projetos de habitações e planos urbanísticos, a maioria dos quais não conseguiu tornar realidade. É interessante notar que nessa exposição não figuram apenas desenhos e projetos arquitetônicos de sua autoria e sim, também, três belíssimas telas.

FELIX ÉMILE TAUNAY foi de sua família quem teve maior e mais marcada influência no ensino artístico do Brasil. Substituto de seu pai NICOLAS A. TAUNAY na cátedra de pintura de paisagem, Secretário da Academia em 1831 e seu diretor em 1834, quando da morte de

Henrique José da Silva, nesse cargo, de comum acordo com GRANDJEAN DE MONTIGNY, teve uma ação muito profícua. Consegiu él, entre outras importantes medidas, transformar as exposições anuais da Academia em "exposições gerais de belas artes", com a instituição de premiações aos expositores que mais se distinguissem, pertencentes ou não à Academia. Incentivados pelos prêmios, muitos artistas concorrem ao Salão de 1840, que marca um grande sucesso e o início da fase de verdadeiro florescimento das artes no Brasil, pois nesse ano sobe ao trono D. Pedro II, o nosso grande Imperador.

Em 1845, outra relevante conquista vem influir de maneira decisiva para o progresso das artes: a instituição dos prêmios de viagem.

Dessa época em diante, realizam-se exposições e concursos aos prêmios de viagem, podendo, portanto, ser considerado organizado o ensino artístico do Brasil, para o que tanto concorreram os componentes da missão artística de 1816 e muitos de seus discípulos brasileiros, dignos continuadores da obra encetada com tanta eficiência."

O QUE CONTÉM A SALA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

Na Sala Missão Artística Francesa, encontram-se trabalhos de:

Felix Emile Taunay (1791-1881) — 4 telas.

Nicolas Antoine Taunay (1755 — 1830) — 22 telas, entre as quais figuram muitos retratos e, também, êstes recantos da cidade do Rio de Janeiro: "Morro de Santo Antônio em 1816"; "O largo da Carioca em 1816"; a "Praia de Botafogo em 1816".

Jean Baptiste Debret (1768 — 1848) — 3 telas, entre as quais magnífico retrato de D. João VI.

Na Esplanada do Castelo, passando pelos fundos do Palácio do Ministério da Fazenda e indo até a Avenida Nilo Peçanha, encontra-se a Rua Debret, homenagem da Prefeitura Municipal ao grande artista francês, que tanto trabalhou pelas artes plásticas no Brasil.

Eis aqui sua biografia:

Nasceu em Paris a 18 de abril de 1768 e faleceu nessa mesma cidade a 22 de junho de 1848. Pintor de história, costumes e paisagem. Membro do Instituto de França.

Discípulo da Escola de Belas Artes de Paris na classe de Jacques Louis David; obteve em 1791 o segundo prêmio de Roma. Estreou no "Salon" de Paris de 1798, onde continuou a expor até vir para o Brasil como membro da Missão Artística Francesa de 1816. Aqui, executou DEBRET muitos trabalhos e, como professor de pintura, teve uma ação verdadeiramente construtora. A él se deve a organização da primeira exposição oficial de Belas Artes no Brasil, em 1829. Foi condecorado por D. Pedro I com o oficialato da Ordem de Cristo. Em 1831, voltou à França, onde escreveu e ilustrou seu conhecido livro "Voyage pittoresque et historique au Brésil". Faleceu em Paris a 22 de junho de 1848.

Zéphérian Ferrez (1797 — 1851) — um busto e duas medalhas. Foi él o gravador de nossas primeiras medalhas, o mestre de nossos técnicos e o autor dos primeiros botões das fardas do Brasil Independente.

Marc Ferrez (1788-1850) — um busto e um bronze de D. Pedro I.

Ao canto da Sala Missão Artística Francesa destacam-se dois bustos: um de Nicolas Antoine



"Antes da Aleluia", de Arthur Timotheo (prêmio de viagem).

Taunay, executado pelo escultor francês François Félix Rouband (1825-1876), e outro de Félix Emile Taunay, de autoria de Rodolfo Bernardelli.

EXPOSIÇÃO MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA DE 1816

De 23 de novembro a 31 de dezembro de 1940 realizou-se no Museu a *Exposição Missão Artística Francesa de 1816*, na qual figuraram 670 peças, sendo 625 obras de arte e 45 peças de mobiliário e objetos diversos. Das peças de arte, 386 pertenciam a particulares e 284 a estabelecimentos públicos.

Eram êstes os proprietários particulares das 386 peças que figuraram na interessante e preciosa montra: Dr. Raimundo de Castro Maia (298 peças); Dr. Djalma da Fonseca Hermes (58); Sr. Francisco Marques dos Santos (16); Srs. Júlio e Gilberto Ferrez (9); D. Laurinda Santos Lôbo (2); Dr. Augusto de Lima Júnior (2); e Dr. Carlos Guinle (1).

Artistas figurantes:

Quadros trazidos por Lebreton ..	27
Trabalhos de Jean Baptiste Debret	313
Trabalhos de A. H. Victor Grandjean de Montigny	204
Trabalhos de Nicolas Antoine Taunay	33
Trabalhos de Zéphérino Ferrez	26
Trabalhos de Félix Émile Taunay	9
Trabalhos de Charles Simon Pradier	4
Trabalhos de Adrien Aimé Taunay	3
Trabalhos de Thomas M. Hippolyte Taunay	3
Trabalhos de Auguste Marie Taunay	2
Trabalho de Marc Ferrez	1

Essa exposição, que obteve grande êxito, foi organizada pelo Museu Nacional de Belas Artes, sob os auspícios da Sociedade de Amigos do Rio de Janeiro.

Na vigência do certame, breves conferências públicas foram proferidas pelos Srs.:

Prof. Morales de los Rios, sobre "Grandjean de Montigny e a arquitetura do século XIX no Rio de Janeiro";

Francisco Marques dos Santos, sobre "O ambiente artístico fluminense por ocasião da chegada da Missão Francesa de 1816";

Prof. Feijó Bittencourt, sobre "A Missão Artística Francesa e a civilização brasileira";

Prof. José Mariano Filho, sobre "A influência cultural da Missão Artística Francesa de 1816";

PRIMEIRA GALERIA DE BRASILEIROS

Quando penetramos na longa sala da Primeira Galeria de Brasileiros, com suas três séries



"Cavalheiro do Tosão de Ouro", de Van Dyck.

de quadros às paredes, de ponta a ponta, sentimos bem a dificuldade de nos reportar depois ao que vimos e transmitir aos leitores os apontamentos que deveríamos tomar de tudo. Só aquela galeria constitui imenso, valiosíssimo patrimônio artístico de que todos nós devemos orgulhar-nos!



"Vaidade". Prêmio de viagem, de Angelina Agostini.

E como mencionar, mesmo a correr, já não dizemos todos os quadros expostos, mas só os principais?

Assim, pois, não procurem levar muito em conta a omissão de nomes de artistas e de seus trabalhos nestas notas — verdadeira reportagem-relâmpago, que deveria ser desdobrada em vários números de *Revista do Serviço Público*, pois só assim conseguiríamos ser um pouco menos deficientes no descrever o nosso Museu Nacional de Belas Artes. Mas a *Revista do Serviço Público* não inaugurou, ainda, reportagem em série... Nem tão pouco dispõe de repórteres especializados para cada assunto, e se tivesse, só o grande museu dirigido pelo Professor Osvaldo Teixeira exigiria, para ser bem descrito, vários críticos de arte e técnicos de museologia capazes de aproveitar convenientemente tão rico e copioso material.

Prossigamos, portanto, nesta reportagem... desabalada:

Na 1.ª Galeria de Brasileiros, encontram-se os trabalhos de artistas do Século XIX.

Pedro Américo

Lá está o maior quadro do museu e um dos maiores do mundo: "A Batalha de Avaí", de Pedro Américo. Falamos de pintura de cavalete, pois em composições murais há outros que excedem em dimensões o quadro do grande artista paraibano. Diz o Guia do Museu:

"Pedro Américo dedicou-se às ciências e principalmente às artes. Como pintor, sente-se em seu estilo tendência natural e espontânea para o gênero decorativo das alegorias. Pedro Américo foi o nosso grande pintor de batalhas."

Manuel Dias de Oliveira Brasiliense

Pintor fluminense, viveu por muito tempo, em Roma. No meio artístico era chamado o "Ro-

mano". No Museu figura belo quadro de Brasiliense, "Nossa Senhora da Conceição". Como é bonito!

Brasiliense, ao regressar ao Brasil, trouxe esta inovação, que causou verdadeiro escândalo: o "modelo vivo".

Jorge Grimm

É considerado, entre nós, como o fundador da escola ao ar livre. Era natural da Baviera, sendo contratado pelo governo brasileiro para professor de paisagem da Academia de Belas Artes. Teve como sucessor, nessa cátedra, Vitor Meireles. "Vista do Cavalão, Niterói" é um dos quadros de Grimm, no Museu.

Manuel Araújo Pôrto Alegre

Pôrto Alegre foi tudo isto: pintor, arquiteto, orador, professor e poeta!

Foi, com DEBRET, para a França, lá estudou e, na volta ao Rio de Janeiro, substituiu o mestre francês na cadeira de Pintura Histórica. "Paisagem" (quadro 98 na Galeria) é de Pôrto Alegre.

João Zeferino da Costa

Todo o Rio de Janeiro que já entrou na Candelária — conhece algumas das mais notáveis obras de Zeferino da Costa: a linda decoração dessa igreja.

José Ferraz de Almeida Júnior

Discípulo de Vitor Meireles é considerado como um dos maiores pintores brasileiros. Foi assassinado em 12 de dezembro de 1899 em Piracicaba. Possui o Museu suas obras primas.

Vitor Meireles

Vitor Meireles de Lima, como Pedro Américo, foi grande pintor, dos maiores que o Brasil tem tido. Não há brasileiro que não conheça o seu quadro "A primeira Missa no Brasil". Pintou "A Batalha de Riachuelo", "A Passagem de Humaitá", a "Batalha dos Guararapes".

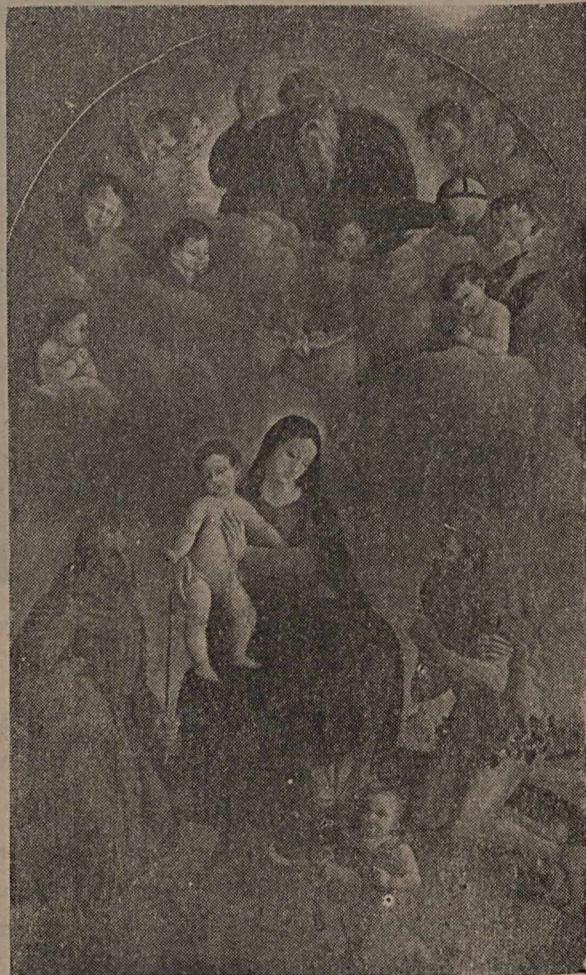
São numerosos os trabalhos de Vitor Meireles no Museu.

Quanto a esculturas, vimos, na Primeira Galeria de Brasileiros, trabalhos de: Hildegardo Leão Veloso, Rous Rochet, Ricardo Cipicchia, Hugo Bertazzon e Décio Vilares.

SALA AMOEDO

É pequena a "Sala Amoedo". Fica no ângulo do edifício, entre a Primeira e a Segunda Galeria de Brasileiros.

Todos os quadros que figuram na "Sala Amoedo" são da autoria desse artista, menos um, que ali foi colocado por uma questão de perspectiva: é a "Fuga para o Egito", a grande tela de Almeida Júnior.



"A Virgem, o Menino Jesus e Santos", de Perugino (Pietro Vannucci) 1446-1524. É um dos quadros mais antigos do Museu e foi identificado recentemente.

Também se encontram nessa sala várias esculturas, de autoria de diversos artistas. Assim é que ali podem ser vistos trabalhos de Francisco de Andrade, Nicolina Vaz de Assis, Hugo Bertazzon, Rodolfo Bernardelli, Almeida Reis, Amadeu Zani e de Humberto Cozzo.

No Palácio do Ministério da Fazenda os baixos relêvos foram feitos pelo escultor paulista

Humberto Cozzo, que é autor de vários monumentos existentes no país.

Segunda Galeria de Brasileiros

É situada no fundo do edifício, lado da rua México. É tão extensa como a primeira. Nela figuram alguns artistas contemporâneos e também do Século XIX.

Vamos dar primeiro os nomes dos artistas e depois fazer referência destacada a um ou outro, e toquemos para frente, pois ainda precisamos descer ao porão, onde há muito que fazer...

Primeiro os pintores:

Osvaldo Teixeira, Cândido Portinari, Augusto Bracet, Manuel Constantino, Prescilião Silva, Antônio Parreiras, Pedro Peres, Arsênio Silva, Aurélio de Figueiredo, Teles Júnior, França Júnior, Estevão Silva, Firmino Monteiro, João Batista Castagneto, Belmiro de Almeida, Rafael Frederico, Antônio Rafael Pinto Bandeira, Hipólito Boaventura Caron, Henrique Bernardelli, Eliseu d'Angelo Visconti, Fiúza Guimarães, Rosalvo Ribeiro (o "Alagoano"), Manuel Lopes Rodrigues, Luís Christophe, João Batista da Costa, Gustavo Dall'Ara, Lucílio de Albuquerque, Pedro Bruno, Túlio Magnaini, Rui Alves Campelo, Quirino Campofiorito, Artur Lucas, Paula Fonseca, Jorge de Mendonça, Malagutti, Georgina de Albuquerque, Guttman Bicho, Gilberto Trompowsky, Arquimedes Dutra, Vicente Leite, Alfredo Galvão, Luís de Almeida Júnior, Armando Viana, Atílio Baldocchi, Manuel Santiago, Teodoro de Bona, Henrique Cavaleiro, Renée Lefevre, Edgar Parreiras, Marques Júnior, Haidéa Lopes Santiago, Manuel Santiago, Garcia Bento, Paulo Vale Júnior, Jordão de Oliveira, Olga Mary Pedrosa, Francisco Manna, Hélios Seelinger, Manoel Constantino, Décio Vilares, Manuel Faria, Artur Timóteo, Eugênio Latour, Manuel Madruga, Mário Vilares Barbosa, Carlos Chambelland, João Batista Bordon, Rodolfo Chambelland, Pedro Alexandre, Modesto Brocos, Oscar Pereira da Silva, Augusto Luís de Freitas, Roberto Rowley Mendes, Nicola Facchinetti, Pedro Weingartner, João Batista Pagani, Daniel Berard, Antônio de Sousa Viana, Domingos Garcia Y Vasquez.

Agora os escultores:

Correia Lima, Luigi Pretoni, Almeida Reis, Hugo Bertazzon, Leão Veloso, Cunha Melo, Margarida Lopes de Almeida, Nicolina Vaz de Assis,

Zacco Paraná, Jorge Campos, Joaquim Lopes Figueira, Modestino Kanto, Paulo Mazzuchelli, Antonino Matos, Armando Magalhães Correia e E. Lansere.

Convenhamos que é mesmo impossível citar todos os trabalhos expostos nesta sala, pois só a relação dos nomes dos artistas que nela figuram basta para dar uma idéia ao leitor da extensão da tarefa que iríamos executar, se nos sobrasse engenho, arte e... muito papel!

Em todo caso, vamos fazer uma ou outra citação só para tirar a feição de catálogo que esta reportagem já está assumindo.

Correia Lima

FLEXA RIBEIRO, escrevendo no *Boletim de Belas Artes* sobre Correia Lima, afirmou: "Depois de Rodolfo Bernardelli, que foi, de certo, a maior técnica escultórica da América do Sul, Correia Lima se afirmou, entre nós, como estatuário de mais destacada valia, continuando aquelas gloriosas tradições".

Vimos no Museu "Remorso", com que Correia Lima obteve o prêmio de viagem à Europa. São de sua autoria: o retrato de Gama Rosa e o de Batista da Costa, que também se encontram na Escola Belas Artes, e cá fora, a enriquecer o patrimônio artístico da cidade: o monumento do almirante Barroso, na praia do Russell; o friso decorativo, em cimento, da "loggia" do edifício do Conselho Municipal, na praça Floriano; monumento ao Coronel Machado, em Florianópolis; a Domingos José Martins, em Vitória; à República, em Niterói; ao Comandante Batista das Neves, em Jacuecanga; a Teixeira Soares, na praça Mauá; o busto de Amoedo, no Russell, e o de Bernardelli, no Passeio Público.

Batista da Costa

Vamos ver também o que diz de Batista da Costa o competente crítico Flexa Ribeiro: "João Batista da Costa foi das mais sólidas expressões artísticas do Brasil. Sua pintura é honesta e consistente, despida de artifícios. Viu a nossa natureza com encantamento, mas sem desfigurá-la. Dêle diz Carlos Rubens: "Ninguém conseguiu interpretar a luz dos nossos céus, a névoa azul de nossas montanhas, o nosso verde, a nossa terra, com o sentimento, a fidelidade, a alma com que Batista os interpretou". E, prosseguindo, afirmou

FLEXA RIBEIRO: "A arte de Batista da Costa é uma determinante nacional. Antes dêle, os paisagistas brasileiros, sem excluir Agostinho de Matos, pintavam a natureza brasileira pelas fórmulas européias".

No Museu vimos "Sapucaieiras engalanadas" de **BATISTA DA COSTA**. O *Boletim de Belas Artes* reproduz "Paisagem do Alto da Serra em Petrópolis", da coleção Ubirajara Campos e o auto-retrato do artista, pertencente à sua família.

Portinari

Seu quadro no Museu — "O Café" — foi premiado nos Estados Unidos e constitui ótima re-



Aspecto do depósito da quadros, antes dos melhoramentos introduzidos numa dependência do Museu.

presentação da arte moderna entre nós e do valor de um grande artista.

Eliseu d'Angelo Visconti

"Oreadas", "A caminho da escola", "Gioventu", são os quadros que vimos de Visconti no Museu, além de outros.

Esse artista fez várias decorações de vulto nos diversos estabelecimentos públicos, sendo de

notar as do Teatro Municipal. A Editôra Zélio Valverde acaba de editar, em livro que é um primor de técnica de impressão, tudo quanto fez Visconti, fazendo reprodução em lindas gravuras.

Lucílio de Albuquerque

"Despertar de Ícaro", grande quadro de Lucílio, que Georgina de Albuquerque assim classifica: "tela magistral pela concepção, pelo desenho, pelo colorido e pela execução". Pode ser vista no Museu.

São quadros de LUCÍLIO: "Mãe Preta", os retratos de seu filho Dante Jorge e de sua esposa Georgina de Albuquerque. LUCÍLIO retratou Epitácio Pessoa e Rui Barbosa, sendo notáveis suas composições históricas "Expedição a Laguna", que está no Palácio do Governo em Pôrto Alegre; "Catequese", "Farrapos", "A bênção divina" e outros trabalhos de grande valor.

Presciliano Silva

O grande pintor baiano Presciliano Silva dedica-se a "interiores", especialmente de igrejas.

No Museu figura o "Interior bretão" de Presciliano, que viajou pela Bretanha, onde executou várias telas, nas quais fixou paisagens e tipos locais.

Aqui no Rio, Presciliano tem um mundo de admiradores.

Manuel Madruga

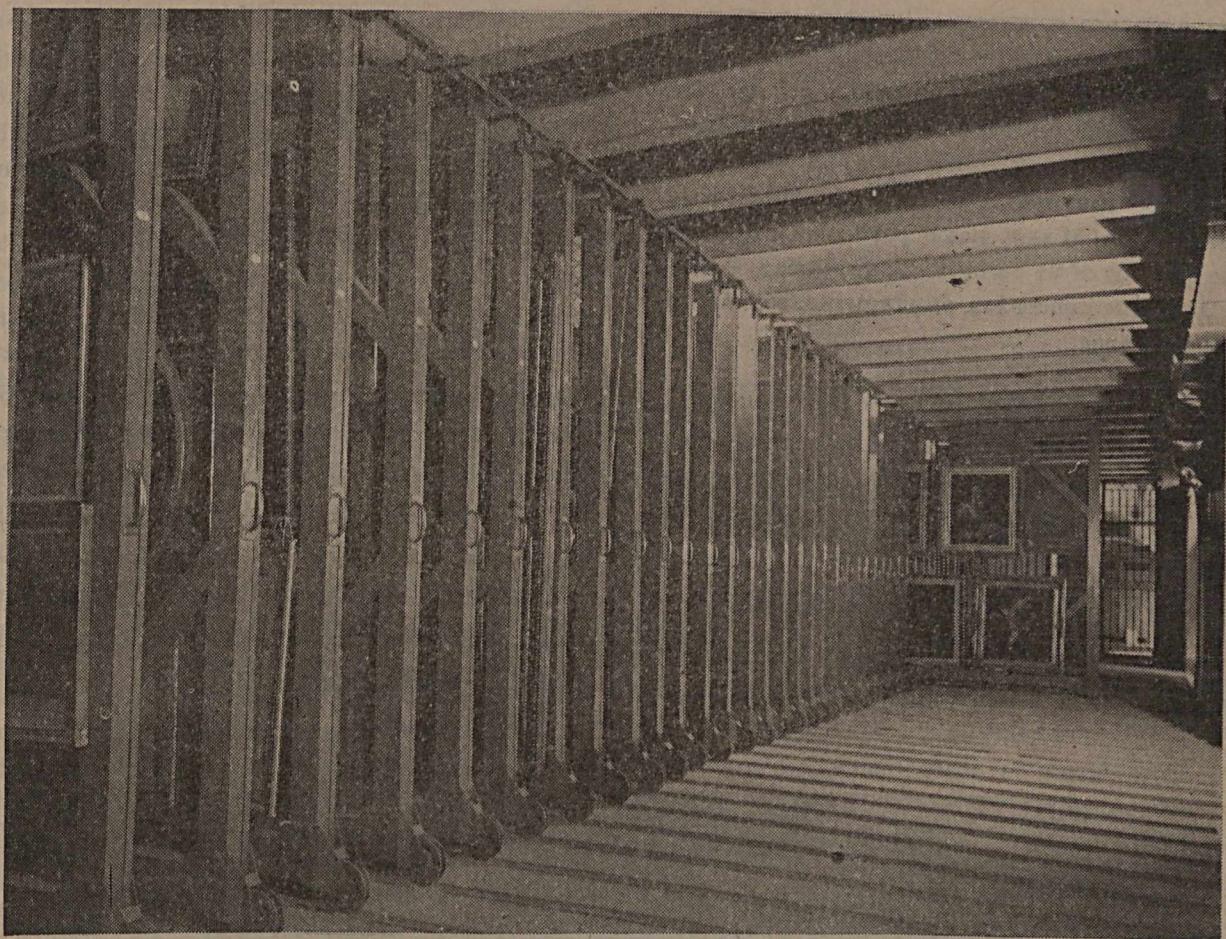
O pintor fluminense Manuel Madruga oferece-nos "Leitura santa". Viveu esse artista muitos anos em Paris, tendo ali exposto em vários "salons". O grande painel "Proclamação da Independência", que figura no Ministério da Guerra, é de sua autoria.

Margarida Lopes de Almeida

Essa escultora brasileira, que foi discípula de CORREIA LIMA, conquistou medalha de prata e de ouro e prêmio de viagem à Europa pela Escola Nacional de Belas Artes. No Museu está exposto um bronze seu, "Crioula".

Sala Francesa

Vamos agora correr um pouco mais em nossos apontamentos...



O depósito de quadros no porão, vendo-se a longa série de trainéis montados recentemente, os quais permitem fácil exame das obras nelas penduradas e, também, melhor conservação das mesmas.

Figuraram na Sala Francesa trabalhos de: C. Olson, Theodule Ribot, Henri Martin, J. E. Clary, Marius Michel, Adrien Moreau, Guillemet, J. L. M. Cosson, Eugène Baptiste, Émile Dauphin, Edouard Bernard Debat-Ponsan, Eugène Baudouin, Eugène Henri Gauchois, Jean Paul Laurens, Alexis La Maye, Leon Gustave Ravanne, Edouard Gelhay, Maurice Bompard, Henri Royer, Louis Edouard Fournier, Edouard Zier, Alphonse Marie de Neuville, Alexandre Gaston Guignard, J. J. Henner. Todos são pintores.

Trabalhos de escultura de: Hugo Bertazzon, Émile André Boisseau, Jeanne Milde, Giuseppe Renda, Jean Antoine Houdon, Henry Bouchard e Gabriel Emmanuel Farailh.

Os quadros fazem parte das coleções: Conde de Figueiredo", "Barões de S. Joaquim" e "Luiz de Rezende".

PRIMEIRA GALERIA DE ESTRANGEIROS

Nesta galeria há muitos trabalhos de artistas italianos, holandeses, portuguêses, alemães, espanhóis, flamengos e franceses. Destacamos da Primeira Galeria de Estrangeiros os seguintes quadros: "O Tosão de Ouro", de Van Dyck; "Nobre Holandês" e "Nobre Horandesa", de Mierevelt; "Paraíso Terrestre", de Savery; "A Virgem, o Menino Jesus e Santos", de Perugino. Este quadro foi identificado recentemente. A coleção dos Malhôa. Quadros italianos, do período-fim da Renascença, os quais são na sua maioria da coleção de D. João VI que, ao partir para Portugal, deixou aqui uma coleção. "Santa Clara", de autor ignorado (primitivo flamengo); "Jumentos", de Valezzi; "Priamo e Tisbe", de Caravaggio.

Há ali também bons quadros espanhóis dos seguintes pintores. Sorolla, Lagueruela, Madrazzo e Cubels y Ruiz.

Quando nos mostrava os quadros da Galeria de Estrangeiros, disse-nos D. Regina Real:

— Sente-se deficiência na nossa pinacoteca do rico período da pintura francesa do Impressionismo.

— Não seria mau que os nossos doadores se lembrassem do Museu, nesse particular, oferecendo-lhe quadros dêsse período..., dissemos a D. Regina Real, que concordou prontamente, sorrindo à nossa lembrança.

SEGUNDA GALERIA DE ESTRANGEIROS

Só também as nacionalidades, como acima. Há trabalhos expostos de artistas argentinos, peruanos, chilenos, uruguaios, ingleses, norte-americanos, gregos e brasileiros.

SALA DOS CONTEMPORÂNEOS

Citemos primeiro os brasileiros: Martinho de Haro, Henrique Cavaleiro, Augusto Luís de Freitas,

Euclides Fonseca, José Ferreira Dias Júnior, Heráclito Ribeiro dos Santos, Luís Fernandes Almeida Júnior, João del Nero, Henrique Sálvio, Mário Túlio, Leopoldo Gotuzzo, Francisco Cocalilo, Haidéa Santiago, André Vento, Gastão Formenti, Emídio Magalhães, Alberto Naddes, Eugênio de Proença Sigaud, Valdemar Costa, Armando Pacheco, Roberto Niaud, Domingos Dias da Silva, João Felipe de Azevedo, Osório Belém, Edgard Walter, Alberto da Veiga Guignard, Raul Deveza, Manuel Santiago, Rubem Fontes, Bustamante Sá, Edison Mota, Hilda Campofiorito, Roberto Burle Marx, Milton da Costa, Vicente Leite, Salvador Pujoli Sabati, José Pancetti, Inês Maria Luíza Correia da Costa, Orlando Teruz, Aldo Bonadei, Antônio José de Mesquita Bonfim, Hernani de Irajá, João Fahrion, Honório Peçanha, Bruno Georgio e Samuel Martins Ribeiro.



O pintor Henrique Sálvio conversando com o redator da "Revista do Serviço Público".

Estrangeiros: Dimitri Ismailovitch, russo; Bibi Zoghe, argentina; Maria Margarida de Lima Soutelo, portuguêsa; Takaoka Yoshya, japonês; Franco Cenni, italiano; Fúlvio Pennacchi, italiano; e Guena Seide, argentino.

OS FLUMINENSES NAS ARTES PLÁSTICAS

Observamos em nossa visita ao Museu que são numerosas as telas, esculturas e outros trabalhos ali expostos, de autoria de artistas fluminenses.

Não é só na política e nas letras que o Estado do Rio de Janeiro tem oferecido valioso contingente ao patrimônio cultural do país. Nas artes plásticas sua contribuição é também muito expressiva.

Dêmo-nos ao trabalho de anotar os nomes de artistas fluminenses, levados por desculpáveis sentimentos regionalistas, que não soubemos sopitar, mesmo em coisas de arte... Mas falta cometida assim e confessada, afinal, com sinceridade, como estamos fazendo, quase não merece que seja tomada realmente como falta... Não exageramos se afirmamos que, nela, outros fluminenses como nós também incidem...

E, à distância, podemos contar a nosso lado com este fluminense estudioso e culto, o juriconsulto e poeta Artur Nunes da Silva, que ao ler na relação abaixo o nome de Honório Peçanha, seu conterrâneo de Cantagalo, há de sentir-se realmente satisfeito. Nem há dúvida!

Então, vamos à relação dos artistas fluminenses, entre os quais se destaca um grande artista vivo: Correia Lima.

José Otávio Correia Lima, escultor
 João Batista da Costa, pintor (Itaguaí)
 Antônio Parreira, pintor (Niterói)
 Oscar Pereira da Silva, pintor (S. Fidélis)
 Manoel Madruga, pintor (Teresópolis)
 Honório Peçanha (Cantagalo)
 Edgard Parreira, pintor (Niterói)
 Galdino Guttman Bicho (Petrópolis)
 Antônio Rafael Pinto Bandeira, pintor (Niterói)
 João Batista Bordon, pintor
 Eugênio de Proença Sigaud, pintor (Santo Antônio de Carangola)
 Alberto da Veiga Guignard, pintor (Friburgo)
 Milton da Costa, pintor (Niterói)

Antônio Garcia Bento, pintor (Campos)
 Jorge Drumond de Mendonça, pintor (Valença)
 Hipólito Boaventura Caron, pintor (Rezende)
 Antônio Araújo Sousa Lobo, pintor
 Manuel Dias de Oliveira, Brasiliense, pintor (Macaé)
 Antonino Matos, escultor.

CONVERSANDO COM O PINTOR MANOEL CONSTANTINO

No Museu só encontramos dois trabalhos de Manuel Constantino: *Tentação*, prêmio de viagem à Europa em 1938 (damos, nesta reportagem, fotografia de *Tentação*), e *Peixes do Mar*, que o Museu adquiriu no "Salão" de Belas Artes de 1937.

No momento em que fotografávamos o primeiro desses quadros, indagamos do artista se no Museu não havia outros de sua autoria.

— Não. Aqui no Museu só tenho êstes dois quadros e isto porque, como deve saber, os trabalhos premiados, com prêmio de viagem à Europa e no Brasil, ficam automaticamente pertencendo às galerias do Museu. E' o caso de *Tentação*. E o outro, *Natureza morta*, de pequenas dimensões, foi adquirido no "Salão" de 1937, como já disse, quando havia verba para aquisições durante os "salões" anuais.

— E hoje, então, não há mais essas verbas para aquisição de trabalhos expostos no "Salão"?

— Não. Existe, entretanto, verba anual para aquisições mediante requerimento do interessado na venda, dirigido ao Ministro da Educação, dependendo cada aquisição de parecer do Diretor do Museu.

— Não seria melhor que se restabelecessem as verbas anuais, como antigamente, para os "Salões", continuando também estas outras de que nos falou?

— Seria, de fato, um grande estímulo aos artistas se fossem mantidas as verbas para aquisições nos "Salões". Não sei se o senhor se lembra de que antigamente havia "prêmios de animação" em dinheiro — pequenas quantias, é verdade, mas que sempre representavam alguma coisa para a época. Esses "prêmios de animação" eram distribuídos aos novatos para animá-los de fato. Nesse caso, os quadros continuavam a pertencer aos seus autores.

— Lemos hoje no *Diário Oficial* qualquer coisa referente à aquisição de quadros expostos no "Salão" de 1945.

— De fato. Éste ano foi restabelecida, sob nova modalidade, a aquisição, por parte do Governo, de trabalhos expostos no "Salão". As aquisições serão promovidas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mediante indicação das comissões de julgamento das *Divisões Geral e Moderna* do presente "Salão". Os trabalhos assim adquiridos não serão exclusivamente destinados ao Museu Nacional de Belas Artes, mas também aos demais museus federais e não federais, filiados ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

— Essa medida, até certo ponto, parece-nos bem razoável...

— E', de fato, muito razoável. Aliás, devo dizer-lhe que o "Salão", apesar de ser mostra de arte — ou deveria ser — recebe trabalhos cujo valor artístico é relativo e muitos dos quais são valiosos como documentos históricos e, sendo assim, é lógico que devam figurar em museus especializados, como o Histórico Nacional, o Imperial de Petrópolis, o Museu da Cidade, aqui no Rio, etc. Não é demais que acentue que sempre achei ser imprescindível que as obras de arte no Museu Nacional de Belas Artes sejam *cem por cento obras de arte*, sem se levar em conta o assunto focalizado.

Além dos prêmios de viagem à Europa, o senhor também aludiu a *prêmios de viagem no país*...

— Esses prêmios de viagem no país foram estabelecidos há anos e destinam-se a possibilitar aos artistas melhor conhecimento das paisagens, costumes e ambientes nacionais. E' claro que, com essas viagens ao interior do país, não se procura o aperfeiçoamento técnico do artista... Por isso é que todo artista deve ir à Europa, onde muito que ver e aprender...

— E quanto tempo se dá ao artista para percorrer o Brasil?

— Um ano. E cerca de quinze pintores já conseguiram êsse prêmio de viagem.

— Desculpe-nos se, de vez em quando, temos de voltar atrás... Mas o senhor também nos falou a princípio em *Divisão Geral e Moderna*. Que *Divisões* são essas?

— E' fácil a explicação. O "Salão" antiga-mente era um só. Nêle não havia "Divisões". Em

1940 criou-se a *Divisão Moderna*, destinada aos artistas modernistas. A *Divisão Geral* é para os acadêmicos de tendência clássica. Logo depois de criada a *Divisão Moderna* foi instituído um prêmio de viagem no país para expositores dessa *Divisão*. Como já havia o mesmo prêmio antes dessa criação, passou a haver, portanto, dois prêmios de viagem no país: um destinado à *Divisão Geral* e outro à *Divisão Moderna*.

— E quanto ao prêmio ao estrangeiro?

— Continuou a haver um só e isto até 1944. Agora, a *Divisão Moderna* já dispõe também desse prêmio.

— Uma grande coisa essa resolução...

— Realmente é medida acertada, sob todos os pontos de vista. Dessa forma, não haverá qualquer restrição aos modernistas, que disputarão o prêmio de viagem ao estrangeiro exclusivamente entre êles, num campo mais favorável, o mesmo acontecendo com os da *Divisão Geral*, porque os escrutínios finais para a indicação definitiva do premiado só se realizarão entre os componentes de cada divisão.

— E de quantas secções é formada cada *Divisão*?

— Neste ponto quero esclarecê-lo quanto a essa denominação de "Divisão". Até ao Salão de 1944 havia realmente duas *Divisões*, cada uma delas com as suas respectivas secções, a saber: pintura, arquitetura, escultura, gravura, desenhos, artes gráficas e artes decorativas. No presente "Salão" de 1945, o regulamento estabelece estas 7 *Divisões*: Arquitetura, Escultura, Gravura, Pintura, Desenho, Artes gráficas e Artes aplicadas. Por sua vez, cada *Divisão* do Salão Nacional de Belas Artes terá estas duas secções: *Geral e Moderna*. Como vê, o que antes era denominado *Divisão* passou a chamar-se *Secção* e vice-versa.

— Seria também liberal e justo que se desse mais de um prêmio ao estrangeiro e, se possível, a cada *Divisão*...

— Ah! isso seria ideal! Mas o Governo alegaria que semelhante concessão sobrecarregaria os cofres públicos. Como sabe, um prêmio ao estrangeiro não fica por menos de cem mil cruzeiros... Calcule se fôssem concedidos 14 prêmios anualmente às 7 *Divisões* de cada seção...

— E já houve concessão de prêmios ao estrangeiro em cada uma das *Divisões*?

— Não. Até agora só obtiveram prêmios dessa natureza pintores, escultores, arquitetos e gravadores.

— Gravadores também?

— Também. Assim de pronto posso citar os artistas Adalberto Matos, Leopoldo Alves Campos e Calmon Barreto.

Depois, nossa palestra com o gentilíssimo Manoel Constantino derivou para outros setores da vida do Museu, que, como dissemos no início desta reportagem, mantém constante intercâmbio com instituições culturais do país que se dedicam às coisas de arte. E, a propósito, o conhecido pintor assim se referiu a uma dessas instituições:

— Ninguém ignora que as relações dêste Museu com a Sociedade Brasileira de Belas Artes são antigas e constantes. Se o senhor conversar com o atual presidente dessa nobre instituição, o pintor Henrique Sávio, terá notícia dessa aproximação e pormenores que, no momento, me escapam. Posso afirmar-lhe, em suma, que essas relações são, de fato, muito úteis aos nossos artistas e também, até certo ponto, a quantos se interessam pelo progresso das artes plásticas entre nós.

O MUSEU E A SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS ARTES

A propósito das relações entre o Museu Nacional de Belas Artes e a Sociedade Brasileira de Belas Artes, ouvimos o presidente desta, o pintor Henrique Sávio, que assim nos falou, quando o procuramos na sede da tradicional instituição, ali mesmo perto do Museu, no "Edifício Pôrto Alegre", atrás da Escola Nacional de Belas Artes:

— Não existe nenhuma ligação oficial entre o Museu de Belas Artes e a S.B.B.A., sabendo-se que esta é uma organização autônoma. Mas existe, sim, um trabalho continuado, conduzido em harmonia, pois caminhamos todos para a mesma finalidade. Embora independente do "Salão oficial", nossa agremiação respeita suas decisões, procurando cada vez mais prestigiá-lo. Assim, acatamos os julgamentos dos júris oficiais. Quadro recusado no "Salão" não pode ser exposto nas nossas exposições coletivas. Os artistas "hors-concours", no "Salão", são por nós reconhecidos como tal. Ainda mais: para votar ou ser votado é necessário ter exposto pelo menos uma vez no "Salão" nacional, isto é, ter passado pelos seus

júris. Como vê, há perfeita consonância entre ambas as instituições.

— E a Sociedade de Belas Artes congrega no seu seio muitos artistas?

— Somos um numeroso agrupamento de pessoas empenhadas, de uma maneira ou de outra, no progresso artístico do Brasil. Alguns, profissionais que são das Artes, aqui encontram apoio às suas atividades. São cerca de 150. Outros, que formam a maioria, aqui se sentem à vontade, pois, neste clima, convivem com artistas, trocam idéias, aprimoram seus conhecimentos e passam horas agradáveis, livres dos problemas prosaicos que apoquentam o comum dos mortais. Isto aqui é um refúgio, um derivativo para muitos. Deste modo, sub-repticiamente, vai-se distendendo a cultura artística entre nós, graças a uma agremiação que, sem ser grande nem poderosa, é contudo influente. Porque, sem nunca ter conhecido grandeza ou opulência, nossa Sociedade, em compensação, tem vivido com dignidade.

— E quanto à subvenção federal?

— E' mínima. Dez mil cruzeiros por ano. Tão pequena contribuição é largamente compensada pelos serviços com que a ela correspondemos. Dizemos isto não sem um pouco de orgulho, como certos filhos que se gabam de não serem pesados aos pais. E' claro que se formos contemplados com uma subvenção maior — mostraremos desde pronto como rende o dinheiro em nossas mãos... E isto não é nenhum segredo. Resulta do grande espírito de colaboração dos nossos associados, todos dispostos a produzir muito sem nada receber em troca. Porque aqui, não obstante a gratuidade dos serviços — ou talvez por isso mesmo — o trabalho é sempre intenso. Sentimos um sabor um tanto esportivo ao trabalhar para a nossa S.B.B.A., não só os da Diretoria, como todos os associados, mesmo os que conosco não convivem. Nossa "Boletim" é rico de colaborações preciosas, que nos chegam envolvidas em simpatia. Flexa Ribeiro, Roquete Pinto, Carlos Rubens, Luís Felipe do Rego Rangel, Henri Kauffmann, Tapajós Gomes, Maria Barreto, Jarbas de Carvalho, C. Paula Barros, Regina M. Real, Alfredo Galvão e muitos outros colaboraram na nossa publicação com a maior alegria. Muitos dêstes deixaram de aceitar remuneração de outras revistas preferindo figurar em nossas páginas, sem nada receberem. Não é isto bem expressivo?

Não é só quanto ao *Boletim*: o Professor Ca valleiro, artista famoso, emprega grande parte de seu tempo a ensinar nossos associados, como chefe de atelier, de forma não menos esportiva.

NO PORÃO

Descemos ao porão, onde se acha todo o material de reserva do Museu. Supúnhamos encontrar ali, empilhados pelos cantos, como coisas esquecidas e imprestáveis, quadros cobertos de pó e envoltos em teias de aranha e tudo a cheirar antiguidade, mas não essa antiguidade mimada pelos apreciadores de relíquias artísticas... E por que, afinal, considerávamos tão mal os pôrões do Museu?

Ninguém desconhece o poder corrosivo da maledicência... No Rio de Janeiro, todo o mundo arrepia-se quando ouve falar nos pôrões do Museu.

— E' um crime deixar estragar-se tanta preciosidade! Mas não há jeito, não! No Brasil é tudo assim...

Também há o reverso da medalha: quando se consagra que tal ou qual instituição é um primor de organização, acabou-se!

Assim também as pessoas.

Mas, vamos dizer o que vimos no porão do edifício do Museu de Belas Artes, o que vimos e o que fotografamos.

E' claro que no ambiente sombrio e escuro do porão do Museu é de contraste a impressão que se tem, depois da visita às galerias externas, lá de cima, onde o público, todos os anos, aprecia o Salão Nacional de Belas Artes, em recinto amplo e de iluminação natural, pois a luz o invade por amplas janelas que deitam para a rua. Talvez, mesmo, haja luz excessiva.

No porão, a iluminação durante o dia é artificial, como artificial também é a renovação do ar por meio de possantes exaustores. Basta que um desses aparelhos funcione durante uma hora apenas para que o ar fique renovado para 24 horas! O problema da poeira foi resolvido com instalação de uma bomba exaustora que força a entrada do ar pelo pátio interior do edifício, de atmosfera proveniente das camadas livres, tanto quanto possível, de partículas de poeira.

E a senhorita Regina Real, que nos acompanhou até ao porão, deu-nos mais êstes esclarecimentos:

— Como vê, os mezzaninos foram obstruídos, ficando um deles encerrado na caixa do exaustor, como porta de saída para o ar expelido pela bomba.

Largo trecho do piso do porão é assinalado por trilhos estreitos, distanciados uns dos outros cerca de meio metro e nos quais a gente tropeça naturalmente, se andar sem atenção.

— Por que êsses trilhos?

— Veja bem onde êles desaparecem: lá de baixo dos trainéis... Então o senhor não conhecia os trainéis do depósito do Museu?

— Não, pois é a primeira vez que aqui vimos...

— O espaço de que dispúnhamos para acomodar todo o material de reserva do museu era pequeno. Os quadros viviam encostados, em série, às paredes, e todos no chão em sentido vertical, pois se fossem simplesmente deitados ainda mais se estragariam. E quando se queria tirar um deles, em meio dos outros, que dificuldade! E como situá-lo com precisão, no caso de uma retirada rápida? Adotamos, pois, êsses trainéis — grandes telas de arame que, dotadas de roldanas, deslizam suavemente sobre êsses trilhos. Cada trainel recebe vários quadros de um lado e de outro, e cada quadro nêle fica dependurado como se estivesse numa galeria de exposição permanente. Os quadros nos trainéis são facilmente examinados e identificados. Este ano, quando orientei a colocação nesses trainéis, tive oportunidade de ver e corrigir a identificação de vários deles. Também são refrescados de tempo em tempo.

— E quantos trainéis há aqui?

— 77. Mede cada um 4.50 x 2.50. Como ambas as faces são utilizadas, temos uma área de 1.848 metros quadrados para pendurar quadros.

— E se se desejar ver determinado quadro, como se pode situá-lo, sem trabalho?

— Lá em cima, na Secretaria, temos o registro de cada trainel com o mesmo número de que dispõe aqui, nesta chapinha esmaltada, que o senhor vê. Às vezes, toda uma coleção de quadros de determinado pintor se acha contida num único trainel. Refiro-me a coleções pequenas, é claro.

— Não seria ideal que o Museu não precisasse dêsses depósitos, conservando todos os seus quadros permanentemente expostos nas galerias lá em cima?

— Absolutamente. Os grandes museus não prescindem de depósitos, como éste. Os museus não devem ser *parados*. Precisam ser de vez em quando renovados, numa ou noutra galeria, com o material de que dispuser nos depósitos. Assim se faz em Paris, Londres, Nova York e noutras grandes cidades. Uma grande parte das atividades de um museu se desdobra em seções vedadas à visitação pública. Como num teatro, agora nos achamos nos bastidores do Museu. E quer ver um verdadeiro camarim, onde um artista trabalha silenciosamente na renovação das telas?

E D. Regina Real, batendo a uma porta, chamou êsse artista:

— Sr. Angenor está aí?

— Já vou lá, D. Regina!

E, sem demora, nos veio abrir a porta o Sr. Angenor Cesar de Barros, a quem D. Regina nos

apresentou, dizendo-lhe de nosso propósito de saber

COMO SE TRABALHA NA SECÇÃO DE RESTAURAÇÃO DE QUADROS

Numa grande mesa estavam à vista, em meio de telas desprovidas de moldura, vidros e outros recipientes contendo naturalmente as drogas empregadas na limpeza e restauração de velhos quadros. E, ao lado dêsse material, pincéis e paletetas com tintas servidas recentemente.

O chefe da Secção de Restauração de Pinturas é o Sr. Tomás Glicério Alves da Silva, que no momento não se achava presente. E' êle o funcionário mais antigo do Museu e começou seu ofício ao lado do restaurador já falecido, da Escola Nacional de Belas Artes, Sr. João José. Na administração Batista da Costa, passou o Sr. Tomás Glicério a restaurador.



Na Seção de Restauração de Pintura, vendo-se o pintor Angenor de Barros na restauração de um quadro de Rosalvo Ribeiro, "Carga de Cavalaria", grande tela que foi exposta recentemente no Museu, entre outras daquele consagrado pintor alagoano.

O Sr. Angenor Cesar de Barros é artista pintor laureado pelo Salão Nacional de Belas Artes e antes foi professor de desenho na antiga Escola Venceslau Braz, hoje Escola Técnica Nacional.

Sabíamos que artistas assim não gostam muito de falar sobre os processos, a técnica, enfim, que adotam em seus trabalhos de restauração de pinturas. Mas logo de início sentimos que nos dariam bem com o Sr. Angenor... E, ali, ao lado do artista e de seu material renovador de preciosidades que o tempo procura manchar ou destruir, permanecemos mais de uma hora, à cata de apontamentos complementares desta reportagem.

E fizemos esta primeira pergunta ao técnico:

— As telas estragam-se facilmente?

— Não tanto como talvez o senhor suponha. Como são muitas as que no Museu precisam de restauração, aqui não me falta trabalho.

Seria mesmo verdade que aquêle restaurador de quadros não nos falaria também, embora por alto, dos segredos de seu ofício? Não nos custaria forçá-lo docemente a transigir um pouco com o velho repórter... Afinal, não nos interessaria muito conhecer com minúcia tudo que se faz na reconstituição de uma tela furada ou suja. Só o essencial.

— Ninguém, lá fora na rua, sabe que se trabalha tanto no Museu e muito menos neste porão, onde tudo parece escondido...

— Se não tem muita pressa, posso mostrar ao senhor o trabalho destes últimos dias: uma coleção de 17 quadros do pintor Rosalvo Ribeiro, que o governo de Alagoas nos mandou para restaurar. O serviço está pronto. Este quadro grande, "Carga de cavalaria", está no fim da restauração. Tem dois metros de comprimento por 1,30 de largura.

E observamos a tela. Que belo quadro!

O Sr. Angenor de Barros vai nos mostrando em seguida este outro quadro de Rosalvo Ribeiro: "Sans Souci". Um mimo de composição! Um garotinho gracioso, com a mãozinha no bolso, e sentado à porta de casa, com um jeitinho natural das crianças de dois a três anos, de inocente despreocupação.

— Pois olhe, este quadro chegou aqui em péssimo estado de miséria. Da mãozinha esquerda do menino só restava um dedo. Todo esse primeiro plano do aparelho estava comido.

— Do aparelho? Que aparelho?

— Nós chamamos *aparelho* à pintura.

— Ah! bem!

O sr. Angenor adianta que, além do sujo ou perfuração das telas, há outros defeitos resultantes do ambiente em que elas permanecem, no qual a umidade ou o calor sejam excessivos.

— Aqui está uma tela cujo aparelho está se despregando e é preciso fixá-lo novamente, senão a derrocada continua. E' necessário passar a pintura para outra tela nova, pois a original não presta mais.

— E como se consegue fazer isso, sem prejudicar a pintura ou, melhor, o aparelho, como o senhor diz?

— Venha cá ver. Aqui está este quadro antigo, sobre o qual colocamos um papel, cobrindo-o todo. Esse papel fica assim esticado uns dois dias. Depois, com uma esponja embebida em água morna, umedece-se a tela pelo lado de trás. E, em seguida e com muito cuidado, pode-se levantar a pintura, sem rompê-la, pois esta fica agarrada inteiramente no papel que lhe havia sido ajustado à frente e que depois é fixado numa prancheta, onde recebe a tela nova. Mas não vale a pena dar-lhe outros detalhes da operação seguinte porque seria exaustivo para o senhor ouvir.

O essencial aí está descrito, como desejávamos.

O Sr. Angenor de Barros, observando que tudo ali na sua oficina nos interessava realmente, apanhou pequeno quadro no qual a pintura fôra feita diretamente sobre madeira. Esta já estava perfurada em alguns pontos pelo cupim. Impunha-se a passagem da pintura para outro bloco de madeira. Esta operação pareceu-nos mais difícil que a anterior. E é realmente. No seu início é semelhante à precedente. Empapela-se a pintura e sobre o papel ajusta-se um papelão, cobrindo-a toda. A pintura assim coberta é posta sobre uma prancheta e virada para esta. Inicia-se depois esta outra operação, bem delicada, aliás. Com uma serra muito fina, depois de dividir-se em quadros a madeira, serra-se esta seguindo-se os riscos feitos a lapis e até certa profundidade. Depois, com a ajuda de um formão, vai-se levantando a madeira, desbastando-a até certo ponto e de tal forma que se não deixe perfurar a pintura pelo formão. Depois de ultimada essa operação com o desbaste

total das costas da pintura, esta fica naturalmente reduzida a quase uma película, que se ajusta a nova tábua. Molha-se em seguida o papel que estava colado sobre a pintura e, por meio de uma espátula, vai-se levantando o mesmo com cuidado. Vimos essa transplantação num quadro pequeno de Visconti.

Voltando à restauração em tela, passou o Sr. Angenor de Barros a tratar da *reintelação*, quando a pintura apresenta rachaduras e é necessário evitar que estas prossigam.

E' outra modalidade de restauração, pois temos que considerar o fato de não se tratar apenas de uma pintura que está se desprendendo da tela, mas que apresenta, também, rachaduras. O processo de restauração, no caso, é este: cola-se uma tela nova atrás da antiga, na qual se passa uma camada de cola especial de importação francesa, a "Cola Totin". E' preciso muito cuidado na preparação dessa cola, de forma a conseguir-se sua infiltração até atingir a pintura. Quando o tempo está quente, esta infiltração se opera em 24 horas. Já no inverno demora 48 horas. O que se observa depois é que a pintura, embora conserve suas antigas rachaduras, não fica sujeita a desprender-se, por se achar, agora, perfeitamente amparada.

E o técnico do Museu acrescenta:

— E quantas telas de alto valor se perdem por aí porque os seus donos ignoram que há recursos para salvá-las?

— Também quando sabem que existem êsses recursos de que o senhor nos falou, naturalmente procuram utilizá-los em tempo.

— Isso é verdade. Ainda há anos, quando o saudoso engenheiro Aguiar Moreira era provedor da igreja de S. Francisco de Paula, fui convidado a restaurar o teto da sacristia e os quadros da galeria desse templo, quase todos muito sujos e outros com buracos. Levei cerca de três meses no trabalho de restauração dessas pinturas, de autoria do saudoso Augusto Petit e de outros artistas. Também já tenho feito êsses serviços em casas particulares, de colecionadores de arte, aliás já bem numerosos entre nós.

Ficamos encantado ao ver as telas que o Sr. Angenor de Barros nos mostrou, recebidas ali no Museu em precário estado de conservação, como aquêles quadros de Rosalvo Ribeiro, e consideramos naturalmente que a retribuição ao técnico por tão delicado serviço, de responsabilidade que não precisamos ressaltar, devia ser bem compensadora. E, com essa indiscrição que caracteriza o repórter, perguntamos-lhe assim de chôfre:

— No alfabeto burocrático qual é a sua letra, Sr. Angenor?

— Não se espante, Sr. Ribeiro, pois outras pessoas também já se espantaram... Por isso é que lhe faço esta advertência cautelosa... A minha letra é esta: F. Ganho 900 cruzeiros por mês e há pouco tempo o governo me pagava 400.

— Que pena fechar esta nossa conversa com semelhante informação... Antes tivéssemos sido mais discretos!